



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**



NATANIEL BEZERRA DA COSTA HORA

**A LITERATURA DE CLARICE LISPECTOR NAS AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA: O CONTO *FELICIDADE CLANDESTINA* E A
PRODUÇÃO DE DOC-FILME NUMA TURMA DO 9º ANO**

Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos.
São Cristóvão (SE)
2021

**A LITERATURA DE CLARICE LISPECTOR NAS AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA: O CONTO *FELICIDADE CLANDESTINA* E A
PRODUÇÃO DE DOC-FILME NUMA TURMA DO 9º ANO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do título de mestre no Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS - UFS

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de pesquisa: Leitura e produção textual – diversidade social e práticas docentes.

Orientadora: Prof. Dr. Alexandre de Melo Andrade.

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2021

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

H8111 Hora, Nataniel Bezerra da Costa
A literatura de Clarice Lispector nas aulas de língua portuguesa:
o conto *Felicidade clandestina* e a produção de doc-filme numa
turma do 9º ano / Nataniel Bezerra da Costa Hora ; orientador,
Alexandre de Melo Andrade.– São Cristóvão, SE, 2021.

89 f.

Relatório (mestrado profissional em Letras) – Universidade
Federal de Sergipe, 2021.

1. Literatura. 2. Letramento. 3. Leitura – Reação crítica. 4.
Lispector, Clarice, 1920-1977. *Felicidade clandestina*. I. Andrade,
Alexandre de Melo, orient. II. Título.

CDU 821.134.3(81).09

NATANIEL BEZERRA DA COSTA HORA

**A LITERATURA DE CLARICE LISPECTOR NAS AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA: O CONTO *FELICIDADE CLANDESTINA* E A
PRODUÇÃO DE DOC-FILME NUMA TURMA DO 9º ANO**

São Cristóvão/SE, 22 de março de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alexandre de Melo Andrade – UFS

Orientador

Prof. Dr. Milca Tscherne-ESTÁCIO DE SÁ

Examinador Externo

Taysa Mercia dos Santos Souza Damaceno- UFS

Examinador Interno

RESUMO

Este trabalho tem como premissa fundamental trabalhar a literatura de Clarice Lispector nas aulas de Língua Portuguesa, com o conto “Felicidade Clandestina”, no 9º ano B do Colégio Estadual Poeta “José Sampaio” (Carmópolis/SE), contribuindo assim com o letramento literário. A partir disso, formular um caderno pedagógico com uma sequência didática apresentando passos para o professor em sala de aula fazer um doc-filme a partir da leitura de textos literários, tomando o conto clariceano como exemplo. Trata-se de buscar desenvolver uma atividade de letramento literário, contribuindo dessa maneira para a formação leitora dos alunos do Ensino Fundamental nas séries finais. Para iniciar a elaboração do curta, o conto escolhido servirá de objeto de estudo e de base para os alunos conhecerem a obra da escritora em pauta, e também sua biografia. Assim, o aluno desenvolverá as vezes de leitor, pesquisador e protagonista da sua aprendizagem, pois para produzir o doc-filme terá que fazer uma pesquisa em grupo da vida e obra da escritora Clarice Lispector, ler o conto apresentado “Felicidade Clandestina” e produzir cautelosamente, sob a orientação do professor, o filme documentário. Depois de ter terminado a produção midiática, os discentes apresentá-la-ão em público para toda a turma e para os alunos convidados de outras classes, como culminância do projeto em culminância. Por fim, a mídia do doc-filme poderá ser disponibilizada em plataforma virtual para os professores da escola, site da SEED/SE e Profletras, como exemplo para os docentes que quiserem fazer a sequência didática descrita a partir da leitura e do acompanhamento do caderno pedagógico, que também será disponibilizado. Como teóricos consultados para discorrer sobre o letramento literário, sobre o papel da literatura humanizadora e a leitura libertadora, bem como sobre a escritora Clarice Lispector, foram consultados: Tfouni (2004); Candido (2004); Compagnon (2012); Dell’isola, (2007); kleiman (2014); Todorov (2009); Barthes (2013); Paulo Freire (2014), entre outros.

Palavras-chave: Letramento literário; Clarice Lispector; “Felicidade Clandestina”; leitura humanizadora; protagonismo discente.

ABSTRACT

This work has as fundamental premise to work the literature of Clarice Lispector in the Portuguese Language classes, with the tale "Clandestine Happiness", in the 9th grade B of the State College Poet "José Sampaio" (Carmópolis/SE), thus contributing with the literary letramento. From this, formulate a pedagogical notebook with a didactic sequence presenting steps for the teacher in class to make a doc-film from the reading of literary texts, taking the Claricean tale as an example. The aim is to develop an activity of literary literacy, contributing in this way to the reading formation of elementary school students in the final grades. To begin the elaboration of the short story, the chosen tale will serve as an object of study and basis for the students to get to know the writer's work on the agenda, and also her biography. Thus, the student will develop the times of reader, researcher and protagonist of his learning, because to produce the doc-film will have to do a group research of the life and work of the writer Clarice Lispector, read the story presented "Clandestine Happiness" and produce cautiously, under the guidance of the teacher, the documentary film. After the media production is finished, the students will present it in public to the whole class and to the invited students from other classes, as a culmination of the project. Finally, the doc-film media can be made available on a virtual platform for teachers at the school, the SEED/SE Web site and Profletras, as an example for teachers who want to make the didactic sequence described by reading and following the pedagogical notebook, which will also be made available. As theorists consulted to talk about literary literacy, the role of humanizing literature and liberating reading, as well as the writer Clarice Lispector, were: Tfouni (2004); Candido (2004); Compagnon (2012); Dell'isola, (2007); kleiman (2014); Todorov (2009); Barthes (2013); Paulo Freire (2014), among others.

Keywords: Literary literature; Clarice Lispector; "Clandestine Happiness"; humanizing reading; student protagonism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. OBJETIVOS	11
1.1. GERAL	11
1.2. ESPECÍFICOS.....	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
<u>2.1</u> – LETRAMENTO E LEITURAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	11
<u>2.2</u> – CLARICE LISPECTOR E A LITERATURA EM SALA DE AULA	22
2.2.1 – DAS NARRATIVAS DE CLARICE LISPECTOR	28
3. PROBLEMATIZAÇÃO	33
4. JUSTIFICATIVA	37
5. METODOLOGIA	41
5.2. DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA	41
5.3. DOS CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DO FILME DOCUMENTÁRIO.....	43
REFERÊNCIAS	45
ANEXO	48
Felicidade Clandestina – Clarice Lispector	49
APÊNDICE 1	51

“De repente, as coisas não precisam fazer sentido. Satisfaço-me em ser. Tu és? Tenho certeza que sim. O não sentido das coisas me faz ter um sorriso de complacência. De certo tudo deve estar sendo o que é.”

(Clarice Lispector, no livro “Um sopro de vida”. Rio de Janeiro: Rocco, 2010).

INTRODUÇÃO

Compreendemos o processo de leitura literária como algo além do conteúdo de decodificação, mas também de interpretação e de inserção social, pois a literatura carrega seu cunho humanístico desvelando variadas percepções de mundo. O instrumento tanto de alfabetização como de letramento literário entra no universo escolar e dá sentido e significados à ação pedagógica em processo de ensino. É nesse contexto que o professor, em sala de aula, intervém nos modos de ensinar e de aprender daquela realidade e tem suas maneiras de agir atravessadas pelo contexto sociocultural em que está inserido o aluno. Assim, uma boa prática pedagógica certamente resultará em bons produtos pedagógicos, isso é certo.

O IDEB brasileiro ainda está buscando uma otimização no tocante ao alcance de sua meta. A cada ano, estratégias são traçadas para vencer o déficit na educação brasileira. Nesse mesmo contexto, as escolas estaduais de Sergipe buscam também alcançar seus objetivos de otimização da leitura investindo na intensificação do ensino. Diante disso, o Colégio Estadual Poeta José Sampaio, localizado em Carmópolis/SE, também não foge desse contexto de metas e resultados, sua meta para o IDEB 2017 foi de 4,0, porém alcançou somente 3,7. Embora não tenha alcançado o pretendido, o rendimento dos alunos, no geral, cresceu (QEdu.org.br. Dados do Ideb/Inep, 2017).

Nessa unidade de ensino citada acima, desenvolvo atividades comuns a um professor de Língua e Literatura. As aulas são divididas em gramática, leitura e interpretação ou exploração textual. No 9º ano B, o livro didático dá suporte para a realização de atividades, mas eu costumo complementar com apostilas com textos selecionados conforme a pretensão didática. O letramento literário eu desenvolvo com a leitura coletiva de contos, sempre respeitando a necessidade de fazer do texto também uma ferramenta de autonomia e humanização. Os alunos, embora no último ano, ainda, como demonstra o IDEB da escola, apresentam mau desempenho na recepção dos textos. E diante dessa realidade, que não é só minha, mas acredito que seja de vários professores de educação básica de escolas espalhadas por todo o Brasil, os docentes não conseguem perceber no texto literário passagens que

podem dar inferências múltiplas nem reconhecê-lo como instrumento de valorização do artístico literário, do protagonismo pedagógico e da autonomia do educandos, uma vez que os discentes apresentam diversas dificuldades cotidianas em relação ao texto literário, como em entender as construções e com a interpretação de metáfora. Além disso, apresentam falta de interesse com textos ficcionais. Portanto, uma aula lúdica e direcionada por atividades desenvolvidas pelos próprios alunos com o texto pode melhorar bastante a relação dos estudantes com o letramento literário.

O letramento literário é de extrema necessidade para melhorar o nível de entendimento de textos lidos, em particular, aqui, o gênero conto, uma vez que os alunos, mesmo no 9º ano, ainda não conseguem responder perguntas básicas sobre o conto lido. Assim, quando pensamos no processo de letramento literário, mesmo que não o compreendamos como modos de aprender a ler e a compreender o gênero literário lido de maneira a fazer dialogicamente uma ligação entre a literatura e o mundo, é possível compreender que devemos possibilitar que a leitura funcione de forma tal que crie no escolar, ou leitor, uma ideia de que ele está lendo para compreender o que ocorre ao seu redor. O entendimento e o diálogo íntimo com o contexto sociocultural que se realiza durante a leitura ganha ainda mais relevância se o aluno estiver preparado para perceber esses processos. Destarte, o docente sempre produz uma didática comprometida com a expectativa de dar resultados valorosos na prática pedagógica; trata-se, portanto, de possibilitar a formação leitora.

É por isso que a escola precisa utilizar todas as ferramentas possíveis para se tornar uma aliada competente e compromissada com o letramento literário.

Diante desse contexto, iniciamos estas discussões com o intuito de refletir sobre a necessidade de estudarmos o processo de leitura clariceana (da escritora Clarice Lispector) em sala de aula, mais precisamente a leitura do conto “Felicidade Clandestina”. O conteúdo dessa narrativa em espelho com a realidade dos alunos do Ensino Fundamental maior (9º ano) servirá como ferramenta de desenvolvimento da leitura literária voltada para um letramento a partir do contato com o conto da escritora Clarice Lispector. Assim, o fato de escolher a escritora Clarice Lispector se justifica pelos seus textos serem considerados pela crítica como de linguagem não convencional ou até mesmo complexa de ser compreendida por muitos leitores; porém com a mediação docente será possível compreender em sala de aula. Quanto ao conto “Felicidade Clandestina”, a escolha é justificada pela semelhança do enredo com a realidade dos alunos no tocante a descoberta da leitura, dos livros, da literatura.

Este trabalho está dividido em Fundamentação Teórica, com uma discussão sobre a literatura de Clarice Lispector e sua contribuição para a literatura brasileira, bem como a

importância para a leitura em sala de aula; Das Narrativas de Clarice, que trata da escrita de Clarice Lispector e seu estilo de escrever ou contar suas narrativas; Problematização, que trata do olhar sobre a problemática em que este projeto tenta intervir; Objetivos, trata das premissas que esta produção almeja diante da sua aplicação; Metodologia, que é a sequência didática desenvolvida, bem como o que deve ser realizado no decorrer da ação; Cronograma, que informa o tempo de cada atividade desenvolvida e estipulado neste projeto, e que pode ser alterado para mais ou para menos; Referências, que traz a lista de consultas bibliográficas, sites e outras fontes que contribuiram para a formulação desta escritura.

Agora é importante falar um pouco sobre a minha relação com o Profletras. Depois de ter me tornado mestrando desse programa nacional, meu olhar sobre a prática do ensino mudou bastante. Pelas aulas e leituras que realizei, compreendi o ato de ensinar língua e literatura como uma forma de possibilitar cada vez mais a aprendizagem a partir do uso do texto literário trabalhado em sala de aula. Melhorei muito meu modo de ensinar compreendendo a complexidade da sala de aula, pois acreditava num ensino em que o livro didático era minha única ferramenta pedagógica válida.

Hoje, o professor é muito desvalorizado, tanto financeiramente quanto no segmento de titulações, que em muitos estados não significa diferença nenhuma para a base salarial; fica somente no currículo. Mas como professor da rede estadual de ensino do Estado de Sergipe, me sinto muito lisonjeado em participar desse programa tão importante para a educação básica de Sergipe, do Nordeste, e do meu país como um todo. Os professores mestrandos do Profletras são prova viva de que somos professores que buscamos melhorar nossa prática de ensino para melhorar a educação no Brasil. Pode ser exagero, mas vale a pena deixar aqui registrado que me tornei um novo professor depois que passei a fazer parte do Profletras sergipano. Melhorei meu olhar sobre minha prática de ensino e melhorei, conseqüentemente, minha prática pedagógica de ensinar língua e literatura.

1. OBJETIVOS

1.1. GERAL

- Trabalhar a literatura de Clarice Lispector nas aulas de Língua Portuguesa com o conto “Felicidade Clandestina” no 9º ano B do Colégio Estadual Poeta “José Sampaio” (Carmópolis/SE), contribuindo assim para o letramento literário.

1.2. ESPECÍFICOS

- Externalizar a leitura com a criação de um Doc-filme literário (filme documentário, ou melhor, um documentário digital) sobre o conto lido;
- Desenvolver o letramento literário a partir do conto clariceano “Felicidade Clandestina”;
- Buscar as contribuições do conto clariceano “Felicidade Clandestina” na formação humanizada dos alunos;
- Ativar o processo de protagonismo da aprendizagem dos alunos numa criação de um filme documentário;
- Perceber a significância que tem a literatura para humanizar os cidadãos;
- Envolver os alunos com a arte literária e a criação midiática a partir da leitura do conto;
- Ensinar aos alunos a fazer do texto (conto) uma ferramenta de possibilidades de compreensão deles mesmos, e, deste texto, dessa maneira, retirar formas diversas de “materialização” da leitura;
- Possibilitar a criação de um filme documentário a serviço do ensino de Literatura, como meio de cruzar a leitura literária com outras linguagens.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 – LETRAMENTO E LEITURAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Que a sociedade se comunica através de gêneros textuais, isso é inegável, porém saber a possibilidade de contribuição que determinado gênero textual pode possibilitar aos seus usuários (da Língua Portuguesa, neste caso) exige, de fato, maior contato com o gênero lido. Muito já se discutiu sobre as percepções de leitura literária no âmbito escolar e social. Quando

o letramento está em processo (o que realmente pode ser contínuo), é aberto um segmento de aprendizagem que não deixa de ser valioso para os estudantes no seu tempo de aprender e desenvolver informações diante do gênero textual trabalhado em sala de aula. Por tal fator, as necessidades de refletir sobre como possibilitar um letramento literário coerente e significativo se fazem indispensáveis. Dessa maneira, é necessário, portanto, aprender o gênero que é útil para os alunos, que faz parte do cotidiano deles, uma vez que, segundo Eagleton (2006),

A especificidade da linguagem literária, aquilo que a distinguiu de outras formas de discurso, era o fato de ela “deformar” a linguagem comum de várias maneiras. Sob a pressão dos artifícios literários, a linguagem comum era intensificada, condensada, torcida, reduzida, ampliada, invertida. Era uma linguagem que se “tornara estranha”, e, graças a este estranhamento, todo o mundo cotidiano transformava-se, subitamente, em algo não familiar. Na rotina da fala cotidiana, nossas percepções e reações à realidade se tornam embotadas, apagadas, ou, como os formalistas diriam, “automatizadas” (EAGLETON, 2006, p. 5).

Essa informação do autor acima define a especificidade de uma leitura literária além da decodificação e exploração textual simplória. Trata-se de uma interpretação de textos literários para inferências e contextos. Na verdade, é uma leitura de linguagem de significados diversos, proporcionando ao leitor um melhoramento em sua recepção e percepção de mundo. O exercício da leitura literária aprimora a capacidade de interpretação do aluno, dando-lhe suporte para leituras de contextos possíveis. Além disso, é possível destacar, de acordo com a BNCC, a necessidade de valorização em sala de aula da literatura como objeto transformador e humanizador dos alunos.

Em particular, o conto é um subgênero que na escola é sempre trabalhado. Nesse contexto, os gêneros textuais estão ao dispor da Língua, bem como servindo de ferramenta de comunicação em diversos segmentos. A respeito disso, assevera Dell’isola (2007):

A identidade, os relacionamentos e o conhecimento dos seres humanos são determinados pelos gêneros textuais a que estão expostos, que produzem e consomem. O estudo dos gêneros possibilita a exploração de algumas regularidades nas esferas sociais em que eles são utilizados. Por isso qualquer profissional da área de ensino de língua deveria levar em conta esse aspecto no trabalho com o aprendiz (DELL’ISOLA, 2007, p. 24).

Os gêneros textuais podem ter um peso identitário. A sua utilização nas práticas comunicativas muito define o contexto social a que estão atrelados; Bakhtin (2003) especifica os gêneros textuais com suas condições e finalidades. Essas finalidades e definições estão inseridas num âmbito social e podem ser especificadas numa identificação visual. Muitas

vezes, decerto, o gênero textual é aprendido simplesmente pela visualização ou por pragmatismo. Dessa maneira, é significativo afirmar que muitos alunos já chegam à escola com conhecimento de alguns gêneros. Estes carregam seu peso histórico e social. Por isso, sua diversidade se faz intensiva para as necessidades sociais que sempre surgem. Coerentemente, Marcuschi (2000) discorre que:

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir a textos materializados que encontramos na nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, romance, bilhete, reportagem jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante (MARCUSCHI, 2000, p. 22).

Essa consideração acima discorrida é coerente com o fato de que os gêneros textuais fazem parte de todo um segmento de fenômenos sócio-históricos, ou seja, eles estão profundamente vinculados à vida social e cultural das pessoas (MARCUSCHI, 2002). As situações comunicativas se efetivam por gêneros textuais, portanto. Estes são ferramentas de comunicação que servem como objeto de marca identitária, social, histórica e cultural de um povo ou de uma geração; não descartando, é claro, a permanência de alguns gêneros no passar dos séculos.

Assim, Marcuschi (2002, p. 29) advoga que, “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”. É disso que tentamos falar quando discorremos que os gêneros textuais carregam sua utilização específica num contexto pragmático. Diversas são as situacionalidades dos gêneros, bem como suas singularidades.

Os textos se limitam em algum gênero textual. Este é muito importante tanto para a produção quanto para a compreensão, reconhecer cada tipo mais utilizado pelos alunos é ajudar na aprendizagem de uso e exploração textual que eles venham a fazer. Os gêneros têm seu próprio âmbito de existência e não podem ser substituídos aleatoriamente sem que não se saiba sua utilização no âmbito social (BAKHTIN, 2003). Muito se discute sobre qual a função do estudo do gênero para a escola. Trata-se, portanto, de tornar consciente o uso de determinados gêneros, suas funcionalidades, características e marcas para uso, bem como a possibilidade de um texto híbrido, em que pode haver contaminação de um gênero no outro. Exemplo disso é a prosa poética, o poema em prosa, o romance lírico.

No tocante à leitura, podemos dizer que é através do ato de ler que as pessoas fazem interações com o mundo a sua volta. A leitura é um mecanismo ativo que dá sentido ao texto, pois pressupõe a presença do leitor real, empírico, com suas percepções, suas perspectivas e suas experiências. A palavra escrita ganha significado a partir da ação do leitor sobre ela. Segundo o PCN (1998):

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modalizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever (PCN, 1998, p. 40).

Um texto só se completa com o ato da leitura na medida em que é decodificada a atividade linguística e a temática por um leitor. De acordo com Rubem Alves (2000):

Penso que, de tudo o que as escolas podem fazer com as crianças e os Jovens, não há nada de importância maior que o ensino do prazer da leitura. Todos falam na importância de alfabetizar, saber transformar símbolos gráficos em palavras. Concordo. Mas isso não basta. É preciso que o ato de ler dê prazer (ALVES, 2000, p. 61).

Assim, é possível aclarar que escrever e ler são atividades importantes pela sua capacidade de inserção e de participação social. Entretanto, para que essa realidade seja possibilitada, é preciso que o professor já comece a fazer bem cedo uma prática pedagógica com esse objetivo, com essa finalidade. A importância do letramento literário no Ensino Fundamental Maior, bem como no Menor, é crucial para a formação de cidadãos críticos e participativos socialmente, porque essa é a célula do ensino, é o ponto de partida, a base da escolarização. Uma prática pedagógica eficiente é constante em seus objetivos. Se os objetivos são claros, então isso deve ser feito desde o início, e com o devido acompanhamento, pelo professor, pelas instâncias internas à escola e pelas instâncias maiores, que aferem os avanços qualitativos de desempenho dos alunos de uma dada realidade. Nesse contexto, vale entender as palavras de Alves (2000) quando discorre:

Penso que, de tudo o que as escolas podem fazer com as crianças e os Jovens, não há nada de importância maior que o ensino do prazer da leitura. Todos falam na importância de alfabetizar, saber transformar símbolos gráficos em palavras. Concordo. Mas isso não basta. É preciso que o ato de ler dê prazer (ALVES, 2000, p. 61).

A leitura deve ser proporcionada ainda nas séries iniciais, como estímulo para o conhecimento possível através das obras literárias. O aluno já deve ter o direito de conhecer novos vieses de leitura, uma diversidade de textos que lhe abram caminhos para um conhecimento de mundo progressivamente. Dessa forma também, assevera Foucambert (1994):

Não se aprende a ler primeiramente palavras, depois frases, depois textos e, enfim textos dos quais se tem necessidade. Aprende-se a ler aperfeiçoando, desde o princípio, o sistema de interrogação dos textos que precisamos ler, mobilizando o conhecido' para reduzir o desconhecido (FOUCAMBERT, 1994, p. 37).

Por isso, vale ressaltar a importância do letramento literário. Se letrados literariamente, os alunos saberão utilizar a escrita e a leitura como ferramenta de inserção e atividade social. O letramento literário não se sobressai à alfabetização, embora tenham a mesma importância em seus contextos. Esta é mais restrita que aquele. O aluno em estágio de letramento literário está sendo preparado para a criação de sentidos, de contextos a partir de textos literários que possibilitem uma visão de mundo e perceptivas sociais libertárias. O indivíduo letrado literariamente tem a capacidade de utilizar-se de textos do gênero literário, portanto, para assim ser participativo e consciente socialmente através do uso desses textos. Já a alfabetização prima pelo contexto, pela codificação, pela decodificação mútua, sem pretensões significativas no espaço literário e de diversidade de gêneros textuais, de formação de leitores e de cidadão críticos.

Uma instituição de ensino precisa ter a consciência da importância que a leitura literária trará para o desenvolvimento sociocultural dos cidadãos nas escolas, para então desenvolver projetos que possibilitem aos alunos o prazer e o desenvolvimento do gosto pelas obras. A literatura se configura na ligação entre leitor e escrita. No dia a dia da sala de aula, o professor de Língua Portuguesa é desafiado a possibilitar a formação ou construção de novos leitores. Porém, isso não é fácil. Não se conquista ou se encanta leitores forçadamente. O aluno tem o direito de conhecer a diversidade textual para que assim se obtenha uma identificação com a prática leitora em seu contexto social. Por essas considerações, Soares (1995) assevera que “numa dimensão social ou cultural, letramento é o uso que se faz das habilidades de leitura/escrita para responder às demandas sociais” (SOARES, 1995, p. 10). Trata-se de uma funcionalidade significativa que tem o poder da leitura diante de fatores de inserção e atividade social cidadã. Segundo os PCNs (1998):

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes. Essa pode ser a única oportunidade de esses alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano (PCNs, 1998, p. 41- 42).

Aprender a ler é um ato que requer esforço, além de ser algo desafiante e instigante. Isso deve ser posto em prática o mais cedo possível pelas escolas através de ações e das inúmeras sugestões de leitura que o meio escolar disponibiliza. Conforme Freire (1988):

Se é praticando que se aprende a nadar, se é praticando que se aprende a trabalhar, é praticando também que se aprende a ler e a escrever. Vamos praticar para entender e aprender para praticar melhor (FREIRE, 1988, p. 47).

A escola tem o papel fundamental de incentivar a prática da leitura, esta é a porta do conhecimento que fornece as condições básicas para o aprendizado permanente. Já no que diz respeito à leitura literária, em específico, compreendemos sua inserção na prática escolar como algo além do conteúdo de decodificação e de busca de informação, mas também de interpretação, da formação leitora humanizada, de apreciação estética e de inserção social. O trabalho com os textos literários também contribui para o conhecimento do mundo, das relações e do próprio homem, não por via da apreensão científica, mas através das situações criadas de forma fictícia, expressas por narrador e personagens (no caso da narrativa), por diálogos entre personagens e situações criadas (no caso do teatro) e por expressões individuais (no caso da poesia).

Em pleno século XXI, é mais que salutar refletir sobre as palavras do importantíssimo educador nordestino Paulo Freire (1989), ao afirmar que “ler o mundo ocorre antes de ler palavras”. É de trás para frente que se vê o mundo. Coerentemente, é assim que acontece o processo pedagógico. Os alunos já chegam à escola, pouco ou muito, sabendo falar, e com “experiência de mundo” própria, derivada de seu contato com o núcleo familiar e com os amigos. A escola tem a função de lhe mediar um novo conhecimento, uma nova visão de tudo que os rodeia e que está influenciando nos fatos de sua existência.

A atividade pedagógica para o letramento literário deve estar fortemente ligada ao fator humanização. Acontece que para o campo da arte literária crítica, libertária, autônoma e humanizadora é necessário lançar luz ao que pode ser utilizado das inferências que possivelmente se extrai do texto lido. Em particular, a literatura dispensa automatização e se

debruça sobre a formação humanizada do ser humano como ferramenta de reconhecimento do ser no mundo e seu forte poder de transformar sua realidade a partir do pensamento crítico. Diante dessa percepção, Candido (2004) advoga que

A função da literatura está ligada à complexidade de sua natureza, que explica até mesmo o seu papel contraditório, mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão de mundo dos indivíduos e dos grupos; ela é uma forma de conhecimento, incluindo uma incorporação difusa e inconsciente. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável (CÂNDIDO, 2004, p. 97).

Mais precisamente, podemos resumir a literatura a um direito cidadão. Existe, portanto, a necessidade de fazer do ensino de literatura uma ferramenta de possibilitar o interesse sobre o que humaniza e liberta de forma cidadã. Nesse segmento, cabe à escola a tarefa de apropriar-se das formas textuais com as quais os alunos têm contato cotidianamente, com vistas a torná-los leitores competentes e de maior participação social a partir do que leu. Com a Base Nacional Comum Curricular (2018) fica evidenciada nas competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental a necessidade de que os alunos precisam:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (BNCC, 2018, p. 87).

Isso configura uma forma resumida de, realmente, possibilitar aos alunos o direito de saber entrar em contato com a leitura literária de forma humanizada, na sua essência. Dessa forma, o letramento literário é uma tomada de consciência da realidade através da leitura. Assim, é possível compreender que a literatura pode libertar e possibilitar ao educando o direito de cidadania plena. Nesse contexto, o letramento literário se torna imprescindível, conforme o define Cosson (2009):

Pela própria condição de existência da escrita literária, [...] o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí a sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade (COSSON, 2009, p. 13).

A partir das palavras do autor acima, é importante esclarecer que o letramento literário se define diante de uma convivência com a literatura de modo amplo, estando com a leitura literária tanto como cultura quanto como modo de ver o mundo a partir da linguagem plurissignificante. Além disso, o domínio estético se vincula a esse letramento. Trata-se de a literatura se tornar uma forma de estar e de atuar sobre a realidade do leitor. Portanto, o letramento literário se torna imprescindível para a valorização do reconhecimento pleno e da valorização da cultura literária.

Neste trabalho, busco a construção de um doc-filme como resultado da sequência didática efetivada. A orientação inovadora é fazer um letramento literário atualizado com o seu tempo, lançando mão de recursos e necessidades contemporâneas. Hodiernamente, se inclui a era da internet, da aula digital. Numa perspectiva mais abrangente, aparece o gênero digital, que hoje está incluindo os processos de interação e participação sociais. Quase tudo é socialmente realizado por intermédio de um meio digital como ferramenta de comunicação, portanto. Assim, essa perspectiva pode ou deve estar presente na sala de aula e no planejamento escolar. A concretização do processo de leitura e interpretação (momento exterior) será composta por uma gravação de doc-filme, produto multimídia: o documentário digital, sobre a autora e o conto lido, com o objetivo de, de fato, envolver o aluno com a vida e obra da escritora, bem como pôr em prática do seu protagonismo como indivíduo participante da atividade pedagógica no envolvimento com a literatura.

Conscientemente, o aluno tem o direito pleno de conhecer a diversidade textual para que assim se obtenha uma identificação com a prática leitora. Em particular, o foco deste trabalho é no subgênero conto.

Ao conseguir fazer da leitura literária um meio de preparação para a atividade e participação social ativa, o professor está despertando e pondo em exercício o dispositivo cognitivo e interpretativo dos textos e da escrita nos alunos. A vontade de fazer da aula um exercício de cidadania propicia uma educação leitora. A liberdade de ideias, de ideologias, de saber ler nas entrelinhas é adquirida no letramento literário. É por tais considerações que Vygotsky (1984) comenta que

O letramento representa o coroamento de um processo histórico de transformação e diferenciação no uso de instrumentos mediadores. Representa também a causa de elaboração de formas mais sofisticadas do comportamento humano que são os chamados “processos mentais superiores”, tais como raciocínio abstrato, memória ativa, resolução de problemas (VYGOTSKY, 1984, *apud* TFOUNI, 2004, p. 21).

A construção de sujeitos práticos e ativos socialmente é possibilitada por uma preparação não só social, mas coletiva em sala de aula. Para isso, é mais que necessária uma orientação docente voltada para a leitura literária eficiente. A diversidade de gêneros no processo de aprendizagem dá resultados excelentes; portanto, é através do saber ler e interpretar os contextos literários, neste caso o conto, que se constrói o cidadão participativo e crítico. O protagonismo do escolar surge na possibilidade de ler nas entrelinhas e saber que tudo que foi lido serve para melhorar sua visão de mundo e libertá-lo de ideologias conservadoras que lhe oprimem. Diante disso, é possível entender que “a constituição do sujeito leitor/escritor se faz cotidianamente, movida pelos instrumentos disponíveis, constituídos pela herança cultural e reconstruídos, modificados, abandonados ou recriados pelo presente” (GERALDI, 1993, p. 57). Não se escreve ou se lê sobre um mundo sem que se faça parte ou se entenda um pouco sobre ele. Os fatos sociais, as questões ideológicas, as relações de poder são fatores decisivos para temas de aprendizagem para um processo de letramento significativo e valoroso. Na sociedade contemporânea, o surgimento de gêneros digitais e o foco pedagógico no protagonismo do aluno são pautas defendidas pelas orientações práticas de ensino. Porém, fazer melhor por uma atividade de letramento contínuo é mais que uma necessidade. A ajuda em avanços que gerem bons resultados nas práticas pedagógicas precisa ser latente. Dessa mesma forma, Alexandroff (2009) comenta que:

Assim, torna-se fundamental a importância da revisão do trabalho cotidiano que contemple nova visão de currículo, incluindo além do trabalho com os diversos gêneros textuais, uma organização que contemple os projetos didáticos, as sequências didáticas e atividades ocasionais e permanentes, com a utilização de jogos e atividades prazerosas (ALEXANDROFF, 2009, s/p).

Vale asseverar, portanto, que uma prática pedagógica significativa se faz com liberdade de escolha na aprendizagem e diversidade nas formas de ensinar. No caso do letramento literário, hoje, é possível entender que cada professor ainda possui sua realidade, porém a sociedade contemporânea está cada dia mais dinâmica e imediata. Mas, a necessidade de letramento literário ainda continua intensa. Trata-se do mundo das possibilidades de ensinar a compreender o mundo da literatura diante da internet, das redes sociais, da aula digital, entre outros. Ler e escrever com um cunho crítico-social ou para desenvolvê-lo deve ser a maior premissa de quem protagoniza a alfabetização e o letramento literário. Destarte, assim deve ser a prática pedagógica no Ensino Fundamental maior: atualizando e diversificando a modalidade textual com o objetivo de um protagonismo social significativo e útil para a formação de futuros cidadãos participativos e de leitores competentes.

A prática de ensinar a ler e a escrever possibilitando uma viabilidade de uso social do que se aprende significativamente na escola é muito importante. A orientação de uso da escrita e da leitura literária para uma vida social participativa é abordada pelos documentos oficiais que regem a educação básica. Possibilitar um ensino libertador, com utilidade do gênero literário e atualizado na contemporaneidade reforça o processo de ensino significativo e valoroso. Portanto, o genial educador nordestino, patrono da educação brasileira, Paulo Freire (2004) assevera que, a função dos professores frente a esse processo é a de:

[...] criar meios de compreensão de realidades políticas históricas que deem origem a possibilidades de mudanças. Penso que seja nosso papel desenvolver métodos de trabalho que permitam aos oprimidos (as), pouco a pouco, revelarem sua própria realidade (FREIRE, 2004, p. 35).

Dessa maneira, a contemporaneidade exige que o leitor saiba apreender e relacionar-se com textos diversos. O surgimento de novas tecnologias requer do cidadão a busca por informações possíveis de um acesso fácil e útil. É imprescindível que a escola acompanhe as mudanças e novidades que vão surgindo. A criança em seu processo de contato com a leitura e com a escrita tem o direito de estar ligada aos processos textuais que surgem em seu meio social. Disso resulta a necessidade de o professor defender o ensino atualizado, pois os textos são meios de comunicação social, de interação e, justamente por tal fato, o letramento está inserido nesse processo de interação. Em pauta, as palavras de Kleiman (2014) esclarecem que:

As múltiplas práticas de letramento intersemióticas contemporâneas exigem do leitor e produtor de textos cada vez mais competências e capacidades de leitura e abordagem da informação cuja interpretação (e produção) aciona uma combinação de mídias. Pela sua relação com as mais recentes tecnologias de informação e comunicação, como o letramento digital, e com uma concepção aberta e múltipla dos textos que circulam num contexto (KLEIMAN, 2014, p. 81).

Portanto, não se efetiva uma educação sem que, antes de tudo, se reflita sobre ela. Assim, o professor deve possibilitar aos alunos o acesso aos diversos tipos de textos. A formação de leitores ativos sempre será considerável quando este tiver a capacidade de lidar com a diversidade modal, pois é a partir de uma preparação no processo de ensino-aprendizagem que se faz produtos de leitura e escrita otimizados.

No contexto do letramento literário e da leitura como prática para a autonomia, as necessidades de um trabalho pedagógico além do ensino bancário tornam-se necessárias para a construção cidadã dos educandos. É justamente por isso que a literatura pode servir como

ferramenta de formação libertária e conscientizadora de leitores a partir de uma proposta de letramento literário humanizada. Diante desse contexto, estabelecer uma prática de letramento literário no Ensino Fundamental séries finais não exige somente uma atividade padronizada de exploração do texto, mas sim uma busca de inferências múltiplas diante do que pode ser retirado da leitura ficcional. Dessa maneira, a arte literária não será resumida a estudos pautados em erros ou acertos, mas de possibilidades diante do pluralismo das palavras e dos dialogismos possíveis que a linguagem literária pode permitir. Trata-se, na verdade, de utilizar a literatura como libertação e autonomia do leitor.

A tomada de autonomia a partir do texto literário configura um amplo significado ao letramento dessa tipologia textual. Quando pensamos em ler ficção literária para contribuir com a humanização do ser, estamos dando mais importância à prática da leitura. Coerentemente, a realidade ficcional, verossímil ou não, pode dar ao leitor um entendimento de uma realidade exterior ao texto, pertencente ao reconhecimento de mundo de quem lê. É justamente para isso que a literatura deve servir, bem como a prática pedagógica carregada de efeito de autonomia. É por isso que não podemos, como professores de língua e literatura, reduzir nossa prática de letramento literário ao simples processo de ensino estético; que não pode ser desvalorizado também. Não é que reconhecer a característica do gênero textual da aula seja desimportante. Mas acontece que um ensino de prática de letramento literário resumida ao texto como base de análise superficial estética ainda não é o que somente pretendemos para evidenciar a literatura como instrumento de reconhecimento de seres historicamente construídos, valorização da arte literária e envolvimento do aluno com práticas de leitura literária para fruição que possibilite desenvolvimento do senso estético (BNCC, 2018). Diante dessa perspectiva, é importante lançar holofotes sobre a necessidade de o professor de Língua Portuguesa contribuir com que seu aluno possa “reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias” (BNCC, 2018, p. 87). Portanto, ler para cumprir tabela durante a aula não é o suficiente, embora estar lendo (seja uma leitura superficial ou não) já seja um passo para as possibilidades de estar em contato com a leitura e consequentemente despertar o interesse por ela. Porém, é de pleno direito dos estudantes o acesso ao ensino libertário e autônomo. Ler dando sentido ao que está lendo, fazendo análise de discursos diversos que venham a se fazer possíveis a partir do texto lido (no caso da literatura) sob a mediação docente advoga a favor da proposta freireana no tocante ao processo pedagógico libertário e autônomo mediado pelo professor. Nesse sentido, é possível compreender que

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E essa rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferidor de do perfildo objeto ou do conteúdo (FREIRE, 2016, p. 28).

Ainda nesse mesmo segmento, a prática pedagógica precisa remeter ao que mais fica evidenciado no processo não linear ressaltado pela BNCC no tocante à formação dos educandos a partir da consideração de que estes são seres historicamente construídos; e, portanto, possível de desenvolver protagonismo no processo de ensino-aprendizagem, bem como capaz de exercitar sua curiosidade intelectual. Essa abordagem está pautada na necessidade de fazer do aluno um ser dotado de uma aprendizagem significativa para seu contexto e ativo para o processo de aquisição do conteúdo. O conhecimento em sala de aula, dessa maneira, precisa partir dos dois agentes: professor e aluno. Assim, não podemos eliminar a possibilidade de o estudante também contribuir e surpreender na prática pedagógica. Para isso, ele precisa ser protagonista também da aprendizagem. Não se trata de fazer sem orientação do professor, mas de ser mediado e orientado a fazer melhor o que já sabe fazer, seja a partir do texto lido, como é o caso da criação do doc-filme aqui trabalhado, seja a partir de uma nova percepção diante de temas transversais. Nesse contexto, vale esclarecer que

O bom seria que experimentássemos o confronto realmente tenso em que a autoridade de um lado e a liberdade do outro, medindo-se, se avaliassem e fossem aprendendo a ser ou a estar sendo elas mesmas, na produção de situações dialógicas. Para isso, é que ambas, autoridade e liberdade, vão se tornando cada vez mais convertidas ao ideal do respeito comum somente como podem autenticar-se (FREIRE, 2016, p. 87).

Com isso, fica possível considerar que o letramento literário é instrumento de autonomia e reflexão. A partir do texto, múltiplas percepções humanizadoras, libertárias, críticas, políticas e sociais podem se desenvolver diante da realidade de cada um, ou coletiva. É dando protagonismo ao aluno que fica possível reconhecer sua capacidade de ser ativo diante dos conteúdos pedagógicos trabalhados em sala de aula. Portanto, a arte literária também deve carregar essa função de autonomia.

2.2 – CLARICE LISPECTOR E A LITERATURA EM SALA DE AULA

Para chegar à formação de um leitor preparado para compreender e interpretar eficientemente, é necessário possibilitar-lhe o contato não apenas com os textos de caráter

objetivo, como os informativos, mas textos literários, conforme já dissemos outrora. O contato com escritores significativos para a literatura brasileira não apenas leva o aluno a uma erudição, mas a uma percepção mais apurada das condições gerais e específicas da atuação humana. Uma autora de destaque de nossa literatura é Clarice Lispector, que é extremamente estudada pela crítica, mas também absorvida pelos leitores em geral, fora do ambiente universitário.

Despreocupada com a narrativa de início, meio e fim padronizados, Clarice não mantinha um padrão absoluto no que escrevia, isso causou um desconforto inicial até mesmo na crítica brasileira da época. Sua primeira obra – *Perto do coração selvagem* (1944) – já anunciava um estilo original e significava o surgimento de uma escritora que seria uma das maiores referências na nossa literatura. Nascida na Ucrânia, em 10 de dezembro de 1920, em Tchetchelnik, uma aldeia desse país, Clarice Lispector, com seu nome de registro de Haia Lispector, veio para o Brasil ainda menina, passou a infância e a adolescência entre Maceió, Recife e Rio de Janeiro (onde morou por muitos anos até sua morte, em 1977). Mas foi no período de sua juventude que começou a fazer seus primeiros escritos. Formada em Direito, casada por muitos anos com um diplomata, com quem teve dois filhos, a autora de *A Hora da Estrela* (seu último livro) tornou-se uma das principais escritoras da literatura brasileira, quisá mundial. Escrevendo uma significativa produção de ensaios, crônicas, contos e romance, seus livros foram traduzidos para muitos idiomas. No dia 9 de dezembro de 1977, falece no Rio de Janeiro, vítima de um câncer no útero. Seu sepultamento foi realizado no cemitério Israelitido Caju, zona norte do Rio.

Clarice Lispector é reconhecida por seus romances de cunho introspectivo, nos quais o narrador captura o pensamento da personagem, através do chamado discurso indireto livre, assim como seus contos e crônicas são de respeito crítico também. Sua forma de escrever, despreocupada com início, meio e fim padronizados possibilitam aos leitores o contato com uma obra distante das convenções.

Nesse contexto, a ficção serve de exemplo para mostrar a experiência de mundo vivida pelos personagens; a narrativa verossímil, apresentada ao leitor, é fator significativo para a compreensão das relações humanas, pois das ações que cada personagem realiza nas histórias podem ser analisados os dramas humanos. Com isso, a leitura literária busca construir experiências no leitor a partir de suas próprias experiências. Assim, assevera Compagnon (2003, p. 144): “na realidade, cada leitor é, quando lê, o próprio leitor de si mesmo.” Isso quer dizer que cada indivíduo ao ler põe em ação suas experiências junto às experiências apresentadas pela narrativa lida.

No processo educacional é preciso lançar luz sobre o texto literário. Diariamente, a gramática sempre toma o lugar que poderia ser também ocupado pela leitura significativa e prazerosa; isso ocorre quando o estudo gramatical aparece como primeiro passo para o estudo da língua. Mas cada professor de Língua Portuguesa deve possibilitar que a aquisição das estruturas da língua também aconteça a partir do próprio texto. O conto deve ser útil para o ensinamento da gramática; embora não seja o único ponto de partida. Estamos, com isso, querendo dizer que o conteúdo gramatical também pode ser absorvido através do trabalho com os textos literários, em geral, e os contos, em sentido específico. E sim, o texto deve ser pretexto (LAJOLO, 2009). Diante desse entendimento, Todorov (2009, p. 11) solicita que “[...] o texto literário volte a ocupar o centro e não a periferia do processo educacional [...]”. Destarte, pode parecer inapropriada a colocação desse autor, uma vez que a cada dia a cultura gramatical se sobrepõe ao gosto pela leitura. A necessidade de aprender gramática purista através da própria frase isolada de textos e contextos (refiro-me ao uso de textos literários como suporte) muitas vezes é justificada pela necessidade de o aluno precisar aprender as regras gramaticais de forma automatizada para obter nota na prova ou na verificação da aprendizagem, pois nesta será cobrada a gramática nas frases e não através de textos literários como pretexto. Embora o professor tenha a autonomia de cobrar seu conteúdo, a unidade de ensino exige, em muitos casos, que este faça uma prova de acertos e erros gramaticais, em detrimento de um estudo contextualizado de um conto ou de uma poesia, por exemplo. Em verdade, estudar a gramática de forma descontextualizada, com frases isoladas, não é uma prática errada nem deve ser uma forma discriminatória de ensino das normas, pois compreender a escrita literária também exige entendimento da estrutura sintática, morfológica, fonológica etc. Porém, promover a possibilidade de o aluno ter o texto literário como suporte valoroso para a aprendizagem das regras gramaticais é contar com mais uma ferramenta de ensino e de aprendizagem significativa, além de contribuir com sua formação leitora.

Proporcionar leitura sem preocupação formal pode favorecer, pelo menos *a priori*, que o aluno se interesse mais pela literatura. Com os contos da escritora Clarice Lispector é possível proporcionar esse tipo de aprendizagem leitora. Diante disso, é importante ressaltar que, na verdade, Clarice Lispector não se desvencilha das estruturas tradicionais, mas introduz novos modos de narrar que causam dificuldades no leitor, acostumado que está com o modelo tradicional. Uma vez que, segundo Martins *et al* (2016, p. 03), “o leitor é um dos sujeitos da interação, atua de forma ativa, buscando recuperar, interpretar e compreender as intenções do autor.” Nesse contexto, é possível compreender que a escritora Clarice Lispector, nas suas

narrativas, não busca exatamente uma interação com o leitor; se assim fosse, sua obra seria mais facilmente assimilada pelos alunos. Com uma literatura intuitiva, sugestiva, ligada aos profundos estados da subjetividade, ela desenvolve um modo singular de narrar, mais atraente e reflexivo. Essa condição de leitura a qual Lispector submete o leitor torna sua literatura inquietante e atraente. É, portanto, dessa literatura que os alunos também precisam para sua formação leitora.

Não se deve utilizar o texto literário como, exclusivamente, ferramenta de ensino gramatical ou de teorias da linguagem, pois a formação do leitor se dá pelo prazer com a leitura. Quando um conto da Clarice desperta o leitor para realidades insuspeitadas, possibilitando-lhe maior entendimento de si e do mundo, esse leitor exímio passa, assim, a ter satisfação; e, dessa maneira, se pode dizer que ali ocorrerá uma leitura proveitosa. Isso é possível no conto clariceano “Felicidade Clandestina”, pois a autora faz, neste conto, uma reflexão sobre o fato de que quando falamos em amor, sempre pensamos no amor à pessoa amada, ou no amor a pais, irmãos, familiares e amigos. Mas pode o ser humano apaixonar-se com a mesma intensidade por um objeto ou por um hábito? E o que fazer quando esse sentimento é confrontado com sentimentos como a crueldade e a perversidade? Dessa forma, a escritora desperta nos leitores conscientização e empatia.

É preciso que a literatura, no contexto escolar, cumpra sua função: organizar o mundo do leitor e dar possibilidades de olhar o mundo de forma emancipada e libertária em sua formação de ser humanizado. Nessa concepção, Compagnon (2012) assevera que a literatura pode “[...] nos tornar sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos” (p. 60). Muito coerentemente, Clarice Lispector desenvolveu uma literatura preocupada com o individual ou íntimo, bem como com uma subjetividade profunda. Sua escrita é muito preocupada com percepções íntimas dos personagens, para assim atingir as pessoas através de fatos cotidianos. A forma de ver o outro e se ver no outro foram temáticas recorrentes em suas narrativas diante de inquietudes subjetivas. Mas para isso, muitas de suas narrativas partem de fatos cotidianos, que remetem a situações pelas quais estamos acostumados a ver ou a passar.

O que vale compreender é que Clarice Lispector foi uma escritora cuja literatura, além de humanizadora, o que é próprio da literatura, consegue atrair a atenção dos leitores por sua forma singular de narrar. Perceber que seus personagens também precisam de ajuda e que sofrem como nós numa reconstrução de pensamento, sentimento, amores e paixões a tornou uma escritora que indiretamente toca nos dramas que permeiam a existência humana. É nessa concepção que Compagnon (2012) discorre que “o texto literário me fala de mim e dos

outros; provoca minha compaixão; quando leio eu me identifico com os outros e sou afetado por seu destino; suas felicidades e seus sofrimentos são momentaneamente os meus” (p. 62). Clarice Lispector, ainda que indiretamente, parece ter tomado muito bem esse segmento para suas narrativas. No conto “Mineirinho”, publicado em 1964, ela trabalhou a temática violência e empatia, e toca em aspectos importantes da condição humana.

Cada autor tem sua visão de mundo e, cada leitor, ao ler, ganha um pouco dela. Não é possível ler e não aprender nada do que se leu quando a leitura é significativa. Pode-se aprender pouco das questões tratadas pelo escritor, mas é possível compreender bastante dele. Em suas narrativas, Clarice Lispector põe em tema questões de cunho intimista e problemas de percepção própria das pessoas, numa literatura mais preocupada com o “eu” e com o outro.

É com a viagem pelo subjetivismo das personagens, uma explanação para o leitor do que cada personagem pensa ao agir na história, o que eles sentem e veem a respeito dos fatos dentro da narrativa, que a escrita de Clarice Lispector se apresenta na literatura brasileira como uma criação singular, isso porque ela fez do aspecto introspectivo, intimista, a principal característica de suas obras. E em entrevista ela mesma declarou o seguinte:

Os meus livros não se preocupam com os fatos em si, mas com a repercussão deles nos indivíduos. Isso tem muita importância para mim. É o que faço. Acho que, sob esse ponto de vista, eu também faço livros comprometidos com o homem e a realidade do homem, porque realidade não é fenômeno puramente externo (LISPECTOR, 1975, p. 5).

O narrador não avisa quando vai falar sobre o que a personagem pensa, simplesmente escreve o que ela está pensando, fazendo transparecer o que está no íntimo do “*eu*”, esse “*eu*” que às vezes transforma-se em *não-eu*, em o ser e o não ser da personagem. E assim, reforça Nicola (1993. p. 276):

Nesse eterno questionar, a obra da romancista apresenta certa ambiguidade, um jogo de antíteses marcado pelo eu e pelo não-eu, o ser e o não-ser (...). Essa literatura introspectiva, intimista, vem se colocar como uma tendência na prosa moderna do Brasil, afastando-se mais do social, do retrato da sociedade em crise, para a crise do próprio, indivíduo sua consciência e inconsciência (1993. p. 276).

Por tratar-se de uma literatura intimista, não há explicitamente uma abordagem de cunho social, como é aparente em muitos autores modernistas, ~~como~~ a exemplo de Graciliano Ramos e Raquel de Queiroz. Vale ressaltar que os problemas sociais aparecem na obra de Lispector, mas entremeados pela subjetividade pulsante das personagens; ou seja, os aspectos

sociais aparecem de modo indireto, e não explícitos como nos outros autores da geração de 30.

Nesse contexto da literatura clariceana, é possível compreender sua importância quando se propõe uma leitura prazerosa e significativa para os alunos. Em matéria de formação de leitores, os contos da Clarice Lispector possibilitam uma literatura que contribui para o desenvolvimento de um letramento literário. No contexto escolar não é fácil fazer as escolhas de leituras a serem trabalhadas, porém é preciso, além das escolhas, planejar as atividades a serem executadas. Preparar os alunos para ler e compreender o que estão lendo é indispensável para uma leitura que lhes permita compreender as entrelinhas do texto. Assim assevera Barthes (2013) a respeito de uma leitura de prazer e de fruição:

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças com a linguagem (BARTHES, 2013, p. 24).

É importante defender o texto de prazer como importante para a formação cidadã, o conhecimento da língua e da arte literária. A leitura de um conto clariceano pode despertar o leitor para um mundo além de suas realidades tangíveis. Quando se lê “Felicidade Clandestina”, se desperta o amor pelas coisas práticas da vida humana e a vontade de ver o outro feliz ou infeliz, a maldade humana como algo presente nas relações de posse e poder. Não se deve trazer para o primeiro plano a estrutura da narrativa, mas, coerentemente, gozar dos fatos narrativos durante a leitura. Cada palavra é um tijolo de construção para um mundo repleto de simbologia e significado. No conto de que tratamos aqui, uma menina quer ler um livro, mas a dona do livro faz um jogo para aumentar o sofrimento da garota, aproximando-a, mas ao mesmo tempo distanciando-a do seu objeto de desejo (o livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato). A falta de empatia, a maldade latente de quem tem a posse do livro, mostra, no conto, o valor que tem as palavras para falar ao outro como são e como podem se comportar as pessoas.

Dessa maneira, é valorosa uma leitura literária que possibilite melhor entendimento acerca das relações humanas. Quando se lê, se está buscando, além de entretenimento, mais experiência de mundo para construir outras experiências a partir daquelas lidas. Um conto é uma narrativa curta que pode trazer várias possibilidades de interpretação e de aprendizagem além da gramática normativa e do formalismo tradicional. A leitura de “Felicidade

Clandestina”, por exemplo, possibilita ao leitor a aprendizagem de um mundo cheio de sadismo e maldade. A criação de personagens que conspiram atitudes planejadas mostra figurações do ser humano diante das relações sociais cotidianas narradas por Clarice Lispector. Com esse conto, o professor pode desenvolver atividades de leitura diversa em sala de aula.

A obra clariceana tem um alcance singular no processo de formação de leitores, sua escrita é voltada para a liberdade de narrar sem seguimentos lineares convencionais, conforme já pudemos dizer; tal aspecto poderia afastar o leitor, acostumado que está com as narrativas mais tradicionais, mas o fato é que a autora tem penetração em várias camadas sociais, a ponto de ser uma das mais populares no panteão da literatura clássica brasileira. A escrita de Clarice apresenta situações e estados subjetivos, exigindo que o leitor se atente ao que está, na verdade, nas entrelinhas da narrativa. Segundo Bosi (1991), na escrita clariceana:

Não há etapas de um drama, cada personagem envolve todo o drama. Logo, não há começo definido, nem tempo, nem um epílogo, há uma contínua densidade na experiência existencial e o reconhecimento de uma verdade que despoja o "eu" das ilusões cotidianas e o entrega a um novo sentido da realidade (BOSI, 1991, p. 107).

Com narrativas muitas vezes com passagens poéticas, com informações através do jogo de metáforas nas ações das protagonistas, a escritora Clarice Lispector aborda uma linguagem carregada de significados, com poeticidade inserida na prosa, uma prosa-poética. Wellek & Warren (2003) entendem, sobre esse tipo de prosa, o seguinte:

Se fizéssemos testes para descobrir o talento literário, ele, sem dúvida seriam, de dois tipos: um, dirigida aos poetas no sentido moderno, se preocuparia com as palavras e a sua combinação, com a imagem e a metáfora, com vínculos semânticos e fonéticos (...); o segundo, para escritores narrativos (romancistas e dramaturgos), se ocuparia da caracterização e da estrutura do enredo (WELLEK & WARREN, 2003, p. 105).

A causa da linguagem acidental, poética, simbólica, se apresenta como um obstáculo para o entendimento do texto. Isso pode ser eficaz para a construção de novos leitores preparados para uma leitura mais densa. Para Compagnon (2003, p. 164), “a experiência da leitura, como toda experiência humana, é fatalmente uma experiência dual, ambígua, dividida: entre compreender, entender e amar, entre filologia e a alegoria, entre a liberdade e a imposição, entre a atenção ao outro e a preocupação consigo mesmo”. Dessa maneira, ler mais textos de escritores de referência é propiciar um gosto mais aguçado das obras.

2.2.1 – DAS NARRATIVAS DE CLARICE LISPECTOR

No contexto literário dos anos 1940, o nome de Clarice Lispector era uma novidade. Porém, suas temáticas e abordagens eram diferenciadas das demais. Num país em que os escritores se preocupavam com a sociedade e seus problemas econômicos e sociais, Lispector usou como matéria-prima para suas narrativas a sondagem íntima dos seus personagens. Sempre trabalhando temas de cunho humanísticos, de amor com os outros e com os objetos e até animais, a consciência da vida e da morte, o impacto com o reconhecimento do outro e das epifanias que acometem seus personagens, ela chegou com outro foco dentre tantos escritores preocupados com o fracasso dos engenhos de cana-de-açúcar e com a fome e o retirante nordestino. Mesmo assim, um pesquisador da Lispector sabe, e deve saber, que em alguns contos como “Mineirinho” e “A Bela e a Fera ou a Ferida Grande Demais”, ela também trabalha os problemas de violência urbana e preconceito social. A forma de ver as pessoas não como o outro, o diferente, mas como extensão de si, era um dos aspectos centrais da literatura clariceana. A escritora veio de outro país, ainda criança, e chamou muito a atenção da crítica na forma de trabalhar a literatura brasileira com suas escrituras intimistas e introspectivas. Nesse contexto, sabendo do peso e do talento da obra da Lispector, Antonio Candido teceu o seguinte comentário a respeito da estreia da autora com o livro *Perto do Coração Selvagem* (1944):

A autora – ao que parece uma jovem estreante – colocou seriamente o problema do estilo e da expressão. Sobretudo desta. Sentiu que existe uma certa densidade afetiva e intelectual que não é possível exprimir se não procurarmos quebrar os quadros da rotina e criar imagens novas, novos torneios, associações diferentes das comuns e mais fundamente sentidas. A descoberta do cotidiano é uma aventura sempre possível, e o seu milagre uma transfiguração que abre caminho para mundos novos (CANDIDO, 1945, p. 90).

Essas descobertas do cotidiano sobre as quais trata o professor Antônio Cândido são objetos de criação de Clarice Lispector. Seus contos geralmente trabalham a descoberta de fatos que servem de salto para a reflexão do que realmente foi possível compreender no cotidiano que para muitos não carrega significado nenhum. Com o uso da linguagem literária, Lispector busca trabalhar o fato diário, que deflagra o inesperado, levando o leitor a um mergulho significativo na narrativa reconhedora do ser. Com uma linguagem carregada de significados, Lispector faz nascer muitos contos que estruturalmente independem de um padrão, mas que se assemelham pela busca de compreensão dos fatos do dia a dia para uma reflexão da vida e seus segredos. Para isso, Antônio Candido (2004, p. 82) discorreu que “para que a literatura brasileira se torne grande, é preciso que o pensamento afine a língua e a língua sugira o pensamento por ela afinado”. Numa contribuição de busca plena do trabalho

com a linguagem, Lispector buscou refletir e “sentir” a palavra como objeto de construção de pensamentos; por isso, justamente por provocar estados de reflexão profunda do leitor, avizinhe-se da filosofia.

Muito podemos pensar sobre a narrativa de Clarice Lispector quando tomamos como segmento a narrativa poética de que ela se apropria para chegar a um nível máximo de abordagem de sua expressividade. Diante desse entendimento, é possível compreender que é desenvolvido também nas narrativas de Lispector o que Jean-Yves Tadié denominou narrativa poética, em um segmento de prosa entrelaçado com uma linguagem carregada de significados de expressividade poética.

Essas considerações de conteúdo narrativo na literatura clariceana remetem a um novo contexto na literatura brasileira modernista, marcado pelo surgimento de obras que romperam com as formas mais tradicionais. A semana de arte moderna foi um divisor de águas para um novo olhar sobre a liberdade de criação literária brasileira, liberta das amarras padronizadas. Assim, é importante compreender que:

Os modernistas de 1922 nunca se consideraram componentes de uma escola, nem afirmaram ter postulados rigorosos em comum. O que os unificava era um grande desejo de expressão livre e a tendência para transmitir, sem os embelezamentos tradicionais do academismo, a emoção pessoal e a realidade do país (CANDIDO; CASTELLO, 1968, p. 9).

Expressão livre era a chave que abriria novos caminhos para uma literatura inovadora para aquela época (início do século XX). A escritora Clarice Lispector, nessa nova tomada de escritura pelos novos escritores brasileiros, caminhou para uma narrativa introspectiva e transfigurada, lançando bases para o romance contemporâneo. Nesse sentido, era comum que finais se tornassem começos ou terminassem com reticências, sem conclusões. O livro *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, por exemplo, começa com uma vírgula. Ela mesma dizia que não se preocupava com os finais de suas histórias, que as entrelinhas tinham maior peso e conteúdo. Lispector, ao iniciar a sua produção literária em 1944, despertou comentários como este de Olga de Sá,

Clarice Lispector teria acertado em situar as verdadeiras possibilidades de renovação do romance em problemas de técnica, abandonando a indiscutida primazia do tema na inspiração novelística brasileira, patente no êxito da literatura de 30, nos romances regionais e documentais (SÁ, 2000, p. 38).

Nesse contexto, a escritora trabalhou a prosa mais existencial que social dos romances tradicionais de 30. Esse modo de escrita fez com que Clarice fosse acusada de plágio, ou

mesmo que fosse confundida com um homem usando pseudônimo feminino, o que revela o preconceito e a resistência que sua obra sofreu até mesmo por parte da crítica especializada.

Assim, é importante compreender o olhar de Roselene de Fátima Coito (2003, p. 113), que discorre que a escritora em questão alcançou tanta significância “pelo fato de Clarice ter sido descoberta, na época, primeiramente pelo olhar do leitor comum e não da crítica especializada, responsável pela sacralização de uma obra como literária”. E nessa mesma percepção, Roselene de Fátima Coito retoma o comentário de Carlos Heitor Cony sobre a estreia da autora nos anos 40:

[...] Durante anos, seus livros ficaram amontoados nos sebos da cidade... Não foi a crítica que descobriu Clarice Lispector. Foram os leitores, principalmente leitoras, ao atingirem o nível universitário. De repente sua obra começou a ser lida e discutida, era a preferida para teses de mestrado. Vieram em cascata as traduções e os estudos críticos, publicam-se, no Brasil e no exterior, os primeiros ensaios acadêmicos... Nascia um fenômeno que vinha de baixo para cima, que subia do leitor para a crítica, do limbo para o Olimpo editorial (COITO, 2003, p. 114).

Mas o conto clariceano não se distancia do tradicional ato de contar histórias. Embora com liberdade na palavra e na estrutura, Lispector desenvolve sua escritura como se estivesse, de fato, contando uma história de experiência de vida, remetendo ao modo como os contos se realizavam nos séculos passados. Nesse contexto, Walter Benjamin (1985, p. 198), na *Obras escolhidas* se questiona “até que ponto as mudanças dos mecanismos de produção afetaram de maneira decisiva a arte de contar histórias”. Não afetaram muito o modo, mas como é recebido pelo leitor um novo produto, que se modificou no âmbito social e literário. Com isso, ainda é preciso compreender a necessidade de padrões de escrita e de leitura diante do processo escritural, libertário e inovador; até mesmo os escritores do século XX “malabarizam” com as palavras no seu maior sentido de expressividade. Assim, Gotlib (2000), em *Teoria do conto*, discorre sobre o ato de contar:

O contar (do latim *computare*) uma estória, em princípio, oralmente, evolui para registrar histórias, por escrito. Mas o contar não é simplesmente um relatar acontecimentos ou ações. Pois relatar implica que o acontecido seja trazido outra vez, isto é: re (outra vez) mais *latum* (trazido), que vem de *fero* (eu trago). Por vezes é trazido outra vez por alguém que ou foi testemunha ou teve notícias do acontecido (GOTLIB, 2000, p. 12).

De fato, o conto é uma situação de contar história curta para alguém; outras criações literárias surgiram daí. Na produção da Clarice Lispector, como contista, ela tenta falar de suas experiências vividas e, confessadas ao leitor, vão se desdobrando ao alcance de uma

linguagem simples com abordagem de um tema que muito significa para a experiência de mundo e formação humana de quem ler. O amor por um livro, a vida pré-morte de uma galinha, o olhar sobre a situação de rua de um mendigo, a morte de um bandido, a experiênciado primeiro beijo e a morte de uma esperança são casos contados como uma necessidade de dizer; e essa forma de dizer surge de forma alegórica, muitas vezes próxima do fantástico, permitindo camadas de interpretação.

A busca tão desejada de um livro por uma garota que está descobrindo o amor pela leitura (no caso de “Felicidade Clandestina”) se entrelaça ao desejo de praticar a maldade recolhida por uma garota invejosa e soberba da escola onde estudam. Lispector escreve como se estivesse revelando a si, e conseqüentemente ao leitor, as estruturas mais íntimas do comportamento humano. Com um enredo marcado de início, meio e fim, ela faz do conto “Felicidade Clandestina” uma produção contística dividida entre o prazer pela leitura, o desejo, o amor, a paixão e a maldade planejada. Nesse cenário, vale compreender que “[...] Defato, se cada conto começa por interessar a inteligência, termina apoderando-se da alma. No decorrer da leitura, não podemos evitar uma profunda experiência emocional [...]” (CORTÁZAR, 1993, p. 125). Assim, Gotlib (2000, p. 29) nos apresenta na *Teoria do conto* “uma nova trajetória da narrativa” em que não mais se segue um caminho traçado para desenvolver uma narrativa. Assim, Lispector desenvolvia também seus escritos, sem preocupar-se em desenvolver padrões de escritura, mas valendo-se deles e inovando. Desde cedo a escritora, vinda da Ucrânia, já se interessava pela escrita. Suas experiências chegaram cedo. Ela escrevia como necessidade de pôr ideias no papel, percepções de uma realidade interior que atingiria uma realidade interior do ser. Preocupada com as construções das narrativas, mas sem apego às estruturas narradas, suas ideias surgiam e logo as punham no papel, como ela mesma comentava:

Vou tomando notas. Às vezes, acordo no meio da noite, anoto uma frase e volto para a cama. Sou capaz de escrever no escuro, num cinema, meu caderninho sempre na bolsa. Depois eu mesma tenho dificuldade de decifrar minha letra. Mas é assim. Desde o primeiro livro. Eu tinha uma porção de notas, não sabia direito o que fazer com elas. Lúcio Cardoso me disse, então: ‘Se todas as notas são sobre um mesmo tema, você tem um livro pronto’. E assim foi (LISPECTOR, 1975, p. 5).

A produção escrita se faz clara nessa passagem. O que Lispector nos apresenta é que ela cuidava das ideias que lhe surgiam, e o trabalho com a criação literária ficava para um momento de produção logo depois. Muito escrevia e fazia anotações no cotidiano para depois arrumar o que havia escrito e, assim, criar seu livro, seu conto, sua arte literária. Como um

surgimento ou iluminação, as ideias lhe chegavam, mas sua habilidade em produzir literatura em trabalho com a linguagem era de maestria. Diante disso, é importante ressaltar que Lispector, em seu trabalho de escrita, embora iniciado sempre com lampejos de intuição e observações argutas de coisas, pessoas e fatos cotidianos, passa por um processo de releituras e ajustes. Ela era muito exigente no seu processo de escritura literária.

Foi novidade uma mulher escrever para uma sociedade ainda machista, de uma literatura formada por produção masculina. Ao apresentar uma literatura existencial e intimista, Lispector tornou-se um diferencial na abordagem literária da época; e com mais um pouco de tempo seu êxito foi geral. Conquistando um lugar na literatura nacional e mundial, Clarice Lispector não se intimidou, não declinou de seu modo de fazer ficção, tanto que chegou a se considerar uma escritora não-profissional, conforme disse ao jornalista Júlio Lerner em entrevista para a TV Cultura em 1977. Assim, discorrem Praxeres & Freire (2007):

O lugar da mulher na literatura, seja como autora, leitora ou personagem protagonista, foi conquistado de modo mais efetivo a partir da década de 60, quando aumenta o interesse de se pensar a representação da identidade feminina em todas as áreas do conhecimento visando superar ou lutar para transformar o modelo patriarcal instituído na sociedade, cujo rigor se assentava no discurso autoritário e excludente do agente masculino (PRAXERES; FREIRE, 2017, p. 12).

Quando se fala no conto de Lispector na sala de aula, fica fácil compreender a realidade que é notada na sua forma de narrar. Com a intermediação do professor, a narrativa de Clarice pode se tornar prazerosa em sala de aula. Nas palavras de Benedito Nunes, via de regra “o conto de Clarice Lispector respeita as características fundamentais do gênero, concentrando num só episódio, que lhe serve de núcleo, e que corresponde a determinado momento da experiência interior, as possibilidades da narrativa” (NUNES, 1995, p. 83). Assim, o conto escolhido para desenvolver este projeto, “Felicidade Clandestina”, traz essas características básicas para ser estudado em sala de aula de Ensino Fundamental maior sem muitas complexidades de leitura e interpretação; embora seja necessário aguardar os resultados das aulas. O motivo de eu ter escolhido esse conto também foi justamente pela temática da descoberta da leitura pela qual a protagonista passa. Isso pode se assemelhar com os alunos da turma do 9º ano. Eles ainda estão descobrindo o amor pela leitura, e esse envolvimento com os textos será importante para a sua formação leitora.

3. PROBLEMATIZAÇÃO

Na sociedade contemporânea se discute bastante sobre como desenvolver um meio de ensinar literatura, leitura e escrita de forma exitosa, mais ainda sobre um letramento literário desenvolvido na escola. Nesse contexto, vale compreender que as mudanças sociais são imediatas e contínuas. Os gêneros digitais não deixam de, fortemente, fazer parte da vida social fora e dentro do ambiente escolar e da vida dos estudantes. Muito se pensa, portanto, em como se deve ensinar e, mais ainda, de como pode o professor de Língua Portuguesa possibilitar que o aluno desperte o interesse pelas leituras literárias.

De fato, os caminhos que levam ao interesse pelo texto literário podem ser traçados pela orientação e contribuição significativa do professor de Língua Portuguesa, pois é ele que é, e deve ser, assim se espera, um exemplo de leitor exímio e possibilitador desse interesse. Assim, quando levamos um texto para a sala de aula, lá estamos pregando e professando nossa prática leitora, viabilizando ao aluno o contato com obras literárias.

Na verdade, tudo o que se ensina na escola tem a função de escolarizar e formar cidadãos (BRASIL, 1988). Assim, é fácil compreender que tudo que se aprende na escola tem o papel de formar uma pessoa digna e prepará-la para ser um cidadão que goza de seus direitos; ou pelo menos conhecê-los e lutar por eles. Ensinar a ler e a escrever de forma consciente e crítica é uma incumbência da instituição de ensino em que estão matriculadas as crianças e os adolescentes. Se a escola tem a função de instrumentalizar o conhecimento, então que ela dê conta das necessidades básicas dos seus educandos.

Com isso, a literatura também carrega seu papel imprescindível na formação cidadã e pessoal de cada estudante. No tocante aos textos de literários, devemos nos atentar ao que é possível retirar deles e torná-los uma ferramenta de aprendizagem e de formação cidadã libertária, autônoma e humanística. Assim, quando lemos um conto em sala de aula e dele retiramos uma exploração textual de cobrança da estrutura, da gramática e de uma opinião simples com justificativa reduzida em resposta pessoal, fechamos a aula a isto simplesmente, o que não é a pretensão totalmente significativa ainda quando se pensa em uma leitura crítica, humanizada, libertária e conscientizadora.

Em 2018, foi lançada a Base Nacional Comum Curricular. Depois dessa publicação, os caminhos do sistema educacional brasileiro tomaram novos rumos orientados também por esse documento, pois muito já se pensou sobre como atuar no processo de ensino-aprendizagem e como fazer uma educação que propicie aprendizagem escolarizada e formação cidadã diante de tantas mudanças imediatas pelas quais passa a sociedade hodierna nos quesitos da educação nacional.

Diante disso, novas abordagens de ensino devem ser desenvolvidas para o processo de letramento literário. Muitas vertentes e pautas estão sendo discutidas sobre as possibilidades de aprendizagem que a escola pode dar aos alunos à luz da BNCC. O ensino de literatura e o letramento literário caminham e chegam ao contexto da aprendizagem para possibilitar o domínio da linguagem literária trabalhada em sala de aula e o desenvolvimento do campo artístico-cultural literário negrito nas competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, em particular na competência nove da Base Nacional Comum Curricular, a qual dispõe ao professor em sua prática possibilitar ao aluno um envolvimento com a leitura literária de modo a desenvolver uma relação com o texto literário valorizando a literatura e sua significação artístico-culturais no contexto lúdico (BNCC, 2018), além de reconhecer o valor de humanização e transformação cidadã que tem a arte literária.

Destarte, na sociedade contemporânea, com a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), é posto em foco o embasamento e reforço no conhecimento de mundo, nos gêneros digitais e no protagonismo do aluno no processo de aprendizagem diante da valorização da literatura como reconhecimento de manifestação artístico-cultural. Assim, a problematização que rege este trabalho é: embora os textos literários estejam presentes nos livros didáticos e explorados nas aulas de Língua Portuguesa, será que a prática do letramento literário na escola está, de fato, possibilitando que o aluno desperte o interesse pela literatura como desenvolvimento de autonomia, fortalecimento do protagonismo discente, e no reconhecimento do seu potencial libertário, transformador e humanizador na sala de aula? E sendo Clarice Lispector uma autora canônica, das mais referenciadas na nossa literatura, de que modo um/a autor/a canônico/a da literatura, de linguagem distante do convencional, pode contribuir para uma ampliação da capacidade leitora e da compreensão da subjetividade e dos valores humanos?

Para nível de informação, o Colégio Estadual Poeta José Sampaio é um colégio decano. Dentre seus projetos pedagógicos, há um muito significativo, que é o Verão Literário; leva este nome por acontecer sempre no verão. Esse estudo trabalha com a literatura lúdica (dança, teatro, doc-filme, música e poesia). Diante dessa realidade, torna-se imprescindível negritar o papel desempenhado pelo texto literário na formação do estudante desta unidade de ensino.

Esta produção traz como proposta a elaboração de um produto baseado em utilização de meios digitais para protagonismo, autonomia, reconhecimento da literatura como meio artístico-cultural, humanização e letramento literário dos alunos envolvidos. Trata-se de elaborar um doc-filme sobre a obra e vida da escritora modernista Clarice Lispector e sobre o

conto “Felicidade Clandestina”, desta mesma escritora. Acredito que será muito rentável e eficaz para a aprendizagem e o letramento literário dos alunos.

A efetivação de um letramento literário pode ser pensada diante de vários métodos de processamento de atividades pedagógicas e didáticas à luz da BNCC. Ler o conto, buscar personagens, escrever textos para dramatização, pesquisar vida e obra da escritora Clarice Lispector, discutir o texto, filmar cenas do conto “Felicidade Clandestina”, buscar edição e apresentar o doc-filme certamente envolve o aluno com o processo de aprendizagem rentável e contínuo.

Diante dessas concepções, é imprescindível refletir a respeito do que realmente é possível possibilitar com esse processo de letramento literário proposto por este projeto. A abordagem de uma escritora e de um doc-filme se entrelaçam para gerar um letramento literário significativo numa sala de aula de Ensino Fundamental séries finais. Que será rentável é quase impossível discordar, porém é necessário aguardar quais possibilidades na aprendizagem e na ensinagem de leitura, escrita e letramento literário podem propiciar este projeto.

Neste trabalho, a literatura da escritora Clarice Lispector será minha ferramenta de ensino. Com o conto “Felicidade Clandestina”, pretendo desenvolver o letramento literário com os alunos do 9º ano B do Colégio Estadual Poeta José Sampaio, situado no município de Carmópolis (SE). Este município fica situado no vale do cotinguiba sergipano.

Localização de Carmópolis em Sergipe



Fonte: Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Carm%C3%B3polis>>. Acesso em: 05 de jan. de 2020.

4. JUSTIFICATIVA

A idealização de um projeto para alcance de um objetivo no processo de ensinagem sempre carrega como ponto de partida o contexto no qual está inserido o público, ou seja, os estudantes. No caso do Colégio Estadual Poeta José Sampaio (Carmópolis/SE), a aplicação deste está ligada às possibilidades de verificação da aprendizagem apresentadas pelos alunos no decorrer das avaliações, exploração textual e atividades de leitura de contos nas aulas de Língua Portuguesa.

A realidade do “José Sampaio” é de criação de doc-filmes nos projetos anuais, como Verão Literário e Consciência Negra. Os alunos gostam de produzir doc-filme. Eles leem os textos que os professores entregam na aula e, após serem incumbidos de elaborar um doc-filme, passam a resolver essa produção. Para eles, a criação do curta é já naturalizada na comunidade escolar; leva tempo e domínio com a mídia, mas eles fazem com competência. Justamente por ser algo já de prática do colégio é que este trabalho traz como resultado da Sequência Didática apresentada a elaboração de um doc-filme, sobre a vida e a obra da escritora Clarice Lispector, neste caso o conto “Felicidade Clandestina”.

No cotidiano das aulas de Língua Portuguesa, eu já costumo levar os contos de Lispector para exploração textual. Os alunos gostam. Porém, na verdade, eles gostam de me ouvir lendo em voz alta, porque não conseguem entender a história direito, e por isso não respondem ao exercício corretamente, mesmo sendo perguntas fáceis, como o número de personagens e onde acontece a história do texto. Assim, por não saberem o que leram, muitas vezes não sabem interpretar direito nem algumas palavras, mesmo já no nono ano do Ensino Fundamental maior (séries finais), os discentes ficam me perguntando as respostas buscando diminuir o tempo de responder e, dessa forma, receber o visto ou a pontuação.

Essa forma de aprender e de ensinar, se aceita, fica insignificante e os alunos continuam recebendo pontuação sem saber o que estão respondendo. Fazer o exercício de exploração textual dando qualquer tipo de resposta e recebendo pontuação é muito insignificante quando se pensa em rendimento na aprendizagem; sem falar que, realmente, os alunos continuam não sabendo praticamente nada de leitura e interpretação. É elevada a quantidade de alunos que leem o texto e não conseguem saber do que se trata. A capacidade de leitura e interpretação é crítica. Por outro lado, o envolvimento com o texto é rápido e assim eles não conseguem familiarizar por mais tempo com a narrativa.

Chegar à sala de aula, entregar o conto e mandar responder as questões, na verdade, ainda não é o final do caminho para o rendimento na aula de leitura e interpretação. Muito

ainda pode ser feito para que a literatura faça efeito no arrebatamento de leitores, no envolvimento e na possibilidade de os alunos poderem de fato responder às questões de exploração textual conscientemente; digo, sabendo o que estão fazendo. O tempo de uma aula (50min) para ler e responder as questões de um texto é pouco para envolver a turma na narrativa de criação literária. Muitas vezes o que os alunos fazem é uma leitura superficial ou dinâmica e entregam ao professor as respostas da exploração textual. Ao checar as respostas, é fácil perceber que nada logicamente foi respondido de acordo com o texto.

A maior preocupação dos professores de Língua Portuguesa é saber como envolver mais os alunos com a leitura e responder coerentemente as questões sobre o texto, reconhecendo-o, compreendendo-o, interpretando-o. Fazer da sala de aula uma oficina de passos de envolvimento e criação a partir da leitura do conto “Felicidade Clandestina” da escritora Clarice Lispector é uma forma de fazer render a aula, a leitura, o letramento literário e, dessa maneira, gerar conhecimento e uma aprendizagem significativa. Ler, organizar as equipes ou grupos, sugerir a elaboração do doc-filme, envolverá mais o aluno com a arte literária e, dessa maneira, possibilitará mais compreensão com o que está sendo lido em sala de aula. Os resultados serão de maior conhecimento sobre o texto trabalhado e explorado durante as aulas da Sequência Didática projetada.

Partindo da premissa de que o produto final será um caderno pedagógico contendo, como ponto central, uma sequência didática que promova a produção de um doc-filme e que para chegar a esse produto é preciso envolvimento intensivo com o conto “Felicidade Clandestina”, o aluno precisará se envolver, buscar informações coerentes no texto, e com o texto, para a elaboração das cenas gravadas no curta. Essas informações servirão de pretexto para leitura, compreensão e interpretação. Vamos considerar que os obstáculos para elaborar o produto final serão o grande motivo para fazer o aluno aprender; o melhor é que eles irão aprender fazendo, e o professor orientando, observando, dando dicas de como chegar à culminância com a finalização do doc-filme. É aí onde mora a essência deste trabalho: aprender a aguçar a leitura literária, a praticá-la, a buscar no texto as informações precisas e necessárias para compreensão, a interpretar, a fazer ligação entre a narrativa e as cenas no curta e a conhecer a escritora Clarice Lispector e sua literatura de modo que essas práticas possibilitem um letramento literário humanizador, conscientizador, libertário, e capaz de reconhecer a literatura como campo artístico-cultural e artístico-literário valorizado.

Muito aprenderá o aluno com a aplicação desta abordagem. Quando se pensa na possibilidade de alunos do último ano do Ensino Fundamental conhecerem a escritora Clarice Lispector, se fala em possibilitar a construção de pesquisadores. Ler sobre a vida e a obra de

Clarice Lispector é descobrir uma escritora com a qual eles só tinham algum contato quando o professor levava seus textos. Descobrir e conhecendo-a, os estudantes aprendem melhor sobre a escritora e sua importância (quem ela foi, de onde veio, quais os livros que escreveu, quando nasceu e morreu, curiosidades, entre outras possibilidades de envolvimento com essa grande escritora) e sobre suas temáticas e narrativas.

A coerência do trabalho aqui apresentado se configura com o conto que selecionei para realizar as aulas. O conto é “Felicidade Clandestina”, como já se sabe das leituras acima. O motivo de ser esse o texto selecionado se justifica pelo fato de ele estar mais próximo da realidade dos alunos no tocante à narrativa de descoberta da leitura por uma menina que adorava ler. Acredito que, além de interessante, a narrativa motiva os alunos a se envolverem mais com a leitura no cotidiano deles. Outra questão é a de possibilidade de formação cidadã e humanística que carrega o enredo entre a garota, filha do dono da livraria, e a garota que adorava ler. Acontece que a maldade, a perversidade, a vingança e a má intencionalidade são representadas pela garota dona do livro. Essa temática de empatia para com o outro é importante para ser desenvolvida no contexto escolar, bem como em diversos outros de formação humanística e de conscientização de respeito e bondade, com crianças e pré-adolescentes. Esse aspecto da literatura deve ser enfatizado, pois compreendendo meu próprio gosto pela autora, pensei de que forma sua literatura pode contribuir com a formação pessoal dos meus alunos e despertar neles a capacidade de olhar o outro com respeito e de forma humanizada.

A literatura como arte da linguagem carrega pautas para discussão em muitos meios de ensino. Na sala de aula, é importante sempre o professor tecer comentários sobre os fatos significativos que são trabalhados pelo escritor. Ao buscar Clarice Lispector para utilização de seu texto, muito conhecido no meio acadêmico e da crítica literária, tento me valer de dois pontos importantes para meu aluno: o respeito com o outro (com as pessoas) e o amor pela leitura (o hábito de ler). Dessas percepções, eu desejo abarcar outras que me venham a aparecer no desenvolvimento da sequência didática. Será interessante meu aluno descobrir que a menina que protagoniza a história sofria porque queria tanto ler um livro que não possuía e não tinha condições de comprá-lo. Porém, a necessidade de ler e de saciar sua vontade literária a submetia aos caprichos maldosos da filha do dono da livraria. É de se esperar que o aluno também seja conquistado pela leitura como essa garotinha do conto.

A criação do doc-fime vai exigir uma coerente leitura e compreensão do texto sugerido. Serão meios para um fim. Dentre esses caminhos para chegar ao doc-filme, a formulação de ideias para as cenas será baseada no texto. Nesse sentido, é necessário verificar

o conto, ler, compreender e buscar pistas da narrativa. O trabalho será explorar o texto o mais intensamente possível, no maior número de vezes que for necessário. Não há a possibilidade de gravar cenas sem antes checar o enredo. O tópico frasal, a palavra e os meios de descobrir como a história se desenvolve serão meios de fazer o aluno ler, reler, compreender e criar. Por isso, seu protagonismo será imprescindível.

O material de gravação, a mídia, será elaborado pelos próprios alunos, mas com orientação e sugestão do professor. Nesse sentido, lidar com os gêneros midiáticos será uma necessidade imprescindível. Por familiaridade e prática, os alunos do Colégio Estadual Poeta José Sampaio (Carmópolis/SE) já possuem experiência nessa elaboração, porém o professor precisa orientar nos melhoramentos possíveis. Dúvidas podem vir a surgir e serem esclarecidas pelo docente ou por utilização de pesquisas na internet ou por terceiros. Embora seja preciso trabalhar com gêneros midiáticos, serão básicos os usos dessas mídias, como aparelho celular, aplicativos e programas de fácil acesso e domínio. Essa utilização de ferramentas midiáticas será benéfica para os alunos ao lidarem com o mundo digital, embora nem todos precisem trabalhar com elas. Não será exigido que todos os alunos dominem aplicativos e programas digitais. Alguns deles, por conhecimento prévio, serão incumbidos de preparar as gravações e edição do doc-filme.

Nesse contexto de elaboração do doc-filme aqui sugerido, vale deixar claro que nem todos os alunos da sala possuem letramento digital, nem isso será exigido deles; porém, somente alguns buscarão preparar a elaboração da mídia (e o professor com orientações de usos). Portanto, nessa construção, muitos alunos serão beneficiados com o letramento digital: o conhecimento de acesso à internet, aplicativos e programas. Não será possível ilhar o conhecimento que será desenvolvido ou aguçado durante a criação do doc-filme. O aluno que sabe mais passará conhecimento para o que sabe menos, assim prossegue o conhecimento coletivo se reverberando na turma. Acredito que muitos aprenderão com a coletividade e a partilha de saberes entre eles e a orientação do professor, sem falar no autodidatismo e protagonismo nas descobertas de aplicativos de edição de vídeos e efeitos, sonoplastia e imagem.

Destarte, diversos são os resultados significativos em que este trabalho pode resultar. A leitura, a escrita, o interesse pela literatura da Clarice Lispector e a produção do doc-filme no trabalho com o texto e com a elaboração midiática serão possibilidades de uma aprendizagem significativa diante do processo de ensino e letramento literário. Assim, espera-se que esta ideia gere conhecimento, letramento literário e formação leitora.

5. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa-ação. Tem como premissa trabalhar a literatura de Clarice Lispector nas aulas de Língua Portuguesa, com o conto clariceano “Felicidade Clandestina” no 9º ano B do Colégio Estadual Poeta “José Sampaio” (Carmópolis/SE), contribuindo assim com o letramento literário no cotidiano escolar, visando também à formação de novos leitores. Como objetivos específicos: desenvolver o letramento literário a partir do conto clariceano “Felicidade Clandestina”; buscar as contribuições do conto clariceano “Felicidade Clandestina” na formação humanizada dos alunos; ativar o processo de protagonismo da aprendizagem dos alunos numa criação de um filme documentário; perceber a significância que tem a literatura para humanizar os cidadãos; envolver os alunos com a arte literária e a criação midiática a partir da leitura do conto; ensinar aos alunos a fazer do texto (conto) uma ferramenta de possibilidades de compreensão deles mesmos, e, deste texto, dessa maneira, retirar formas diversas de “materialização” da leitura; possibilitar a criação de um filme documentário a serviço do ensino de Literatura. Trata-se de uma explanação coerente sobre o valoroso papel dos contos clariceanos no processo de formação de leitores. Não leitores que decodificam, mas leitores para ler as entrelinhas do texto. Este trabalho servirá de fonte singular de estudo para outros acadêmicos, porque tem em evidência uma das mais importantes escritoras brasileiras. Logo em seguida, apresento as etapas da Sequência Didática, baseada na sequência didática básica dos estudos de Rildo Cosson (COSSON, 2009); embora seja possível de alterações.

5.2. DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Esta Sequência Didática segue o modelo de Rildo Cosson (COSSON, 2009), mestre em Teoria da Literatura, doutor em Letras e pós-doutor em Educação.

Num contexto de letramento literário, em que esse autor também trabalha, aqui será desenvolvida uma sequência de apresentação da autora em foco, leitura do conto escolhido e exploração textual. Como se trata de uma turma de Ensino Fundamental maior, seguiremos a sequência Básica de Letramento Literário, a qual é composta por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. Veremos em seguida.

MOTIVAÇÃO (1ª aula): apresentar aos alunos a tarefa que será desenvolvida após a leitura, compreensão e interpretação do conto. A tarefa desenvolvida será baseada no conto “Felicidade Clandestina” (da escritora modernista Clarice Lispector). Os alunos lerão o conto em sala de aula, compreendê-lo-ão e, mediados pelo professor, interpretarão o texto para

poderem decifrar os contextos possíveis e a leitura de mundo apresentada pela autora. Serão duas leituras: uma individual (silenciosa) e outra coletiva (com o professor e toda a turma do 9º ano B do Colégio Estadual Poeta José Sampaio- Carmópolis/SE). Em seguida, será feito um comentário sobre a leitura realizada em sala de aula. A turma (de 26 alunos) será dividida em três grupos: um de criação adaptável de um texto dramático para teatro a partir do conto lido, pesquisa biográfica da escritora e organização de ensaio para atuação (desse grupo serão selecionados três alunos para apresentar e/ou narrar o doc-filme literário); um incumbido de organizar datas e horários para a gravação do doc e organização de cenário; outro para sistematizar a edição, bem como toda a finalização midiática e apresentação do doc-filme gravado. Em suma, será feita uma leitura do conto clariceano com o objetivo de construção de um doc-filme literário, assim proporcionando um maior vínculo entre os alunos e a literatura de Clarice Lispector.

INTRODUÇÃO (2ª aula): Anunciar à turma o autor e a obra. Será apresentada aos alunos a escritora modernista Clarice Lispector; comentar um pouco de sua vida e de alguns livros seus publicados. Trata-se de explicar sua importância para a literatura brasileira e para a formação de novos leitores. Os alunos ficarão informados da popularidade e importância da literatura clariceana para nossas letras. Autora de romances, contos, crônicas, Clarice Lispector tornou-se mais conhecida pelos seus contos, que se tornaram populares pelo elevado valor atribuído pela crítica. Ainda não estudada especificamente, embora já lida esporadicamente ou não no Ensino Fundamental maior, ou menor quiçá, essa escritora e sua literatura serão propagandeadas em uma conversa introdutória à entrega e ao início da leitura do texto. Toda uma preparação deverá ser construída, chamando a atenção dos alunos e despertando a curiosidade para conhecer a história do texto que será lido.

LEITURA (3ª e 4ª aulas, 2 aulas): Acompanhar a leitura. Policiamento da leitura dos alunos em sala. Cada aluno, com seu livro didático (o conto está no livro de Língua Portuguesa adotado pela escola) fará a leitura individual silenciosa do conto. Far-se-á necessário exigir dos alunos que façam a leitura sem interrupções; em fila indiana mesmo. Depois disso, ordenar que os alunos façam um círculo com as carteiras, todos serão protagonistas das impressões tidas pelo texto. Cada um dará sua contribuição interpretativa, críticas de recepção. Por fim, o professor fará seu discurso de esclarecimento e exposição de outras interpretações. É importante que o discente fique atento às opiniões dos alunos sobre cada passagem do conto.

INTERPRETAÇÃO (5ª, 6ª, 7ª aulas, 3 aulas): Materialização das interpretações. O professor dará o ponto de partida para fazer uma reflexão sobre o fato de que quando falamos em amor, sempre pensamos no amor à pessoa amada, ou no amor a pais, irmãos, familiares e amigos. Mas pode o ser humano apaixonar-se com a mesma intensidade por um objeto ou por um hábito? E o que fazer quando esse sentimento é confrontado com sentimentos como a crueldade e a perversidade? (CEREJA e MAGALHÃES, 2015). Isso configurará o momento exterior das interpretações, a busca da verdade de mundo a partir da leitura, captação dos sentidos do texto. A externalização da leitura, bem como um registro dela, será o doc-filme literário produzido amadoramente pelos próprios alunos; teremos um objeto de uma teoria fílmica própria. Nesse doc-filme (de 15 minutos de duração), será feita uma apresentação breve da vida e obra da escritora Clarice Lispector e mostras de gravações de trechos de atuações dos próprios discentes. Eles farão, baseados no enredo de “Felicidade Clandestina”, um texto dramático, amadoramente, com orientação do professor. Entregarão o texto dramático para revisão. O professor orientará a turma. Pronto o texto dramático, já escolhidos os alunos de atuação e apresentação, deverá ser marcada a data de gravação, numa aula. Com gravação pronta, o grupo responsável pela edição fará sua incumbência. Editado e salvo em *pen drive*, o doc-filme será mostrado na sala de mídia, por data show, a toda a turma.

O doc-filme literário seguirá duas linhas de pensamento. A primeira diz respeito ao caráter não ficcional do documentário, e a segunda parte do princípio de o artista literário não ter, necessariamente, compromisso com a realidade. Sendo assim, o doc-filme terá o seguinte formato: apresentação de elementos que fazem parte da vida da escritora, do seu processo de criação, dentre outros (documentário) e exibição de imagens que ilustrem as cenas elaboradas nos contos.

5.3. DOS CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DO FILME DOCUMENTÁRIO

A apresentação do Doc-filme acontecerá no Laboratório de Tecnologia Educacional (LTE) do CEPJS. Os alunos do Ensino Fundamental maior (8º ano C) também assistirão ao doc-filme para apreciarem o trabalho dos alunos do 9º ano. O vídeo será disponibilizado em DVD e Pen drive para que outros professores possam acessá-lo.

Quanto ao critério avaliativo, ficará à disposição de o professor abordar:

A – Coerência entre a vida e a obra da autora e as cenas apresentadas no documentário e das cenas do filme com o conto;

B – Qualidade do doc-filme apresentado, quanto à abordagem e apresentação do documentário e dramatização ou interpretação das cenas;

C – Atendimento ao tempo mínimo estipulado pelo professor de 5 e máximo de 15 minutos

REFERÊNCIAS

ALEXANDROFF, Marlene Coelho. **Ensino fundamental de nove anos: avanços e contradições.** Construção psicopedagógica. PONTO DE VISTA. Constr. psicopedag. v.17 n.15. São Paulo. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542009000200009>. Acesso em: 15 de dez. de 2019.

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação.** 4. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

BAKTHIN, Mikail. **Estética da Criação Verbal.** Martins Fontes: São Paulo, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política.** 7.ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, v.1, 1994. 253 p.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental.** Vol. 1. Ed. 1ª NC, 1998.

BRASIL. **QEdU.org.br. Dados do Ideb/Inep (2017).** Disponível em:<<https://www.qedu.org.br/escola/107997-colegio-estadual-poeta-jose-sampaio/ideb?dependence=2&grade=2&edition=2017>>. Acesso em 15 de mai. de 2019.

CAMARANI, Ana. Luiza. Silva; MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. **A dupla trajetória da narrativa de Clarice Lispector.** Itinerários, Araraquara, n. 24, p. 189-200, 2006.

CANDIDO, Antônio.; CASTELLO, Aderaldo. **Presença da literatura brasileira: Modernismo.** São Paulo: DIFEL, 1968. v. 3.

CANDIDO, Antônio. **Brigada ligeira.** Rio de Janeiro, 3ª ed. Ouro sobre azul, 2004.

CÂNDIDO, Antônio. **O direito à Literatura.** In: vários escritos. Duas cidades: São Paulo, 2004.

CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português Linguagens – 9º ano.** 9ª edição reformulada. Saraiva. São Paulo. 2015.

COITO, Roselene de Fátima. **Uma leitura inquieta: o leitor infantil nos mistérios de Clarice Lispector.** Tese - Letras - UNESP - Araraquara, São Paulo, 2003. 211p.

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** (Trad. Laura Tadei Brandini). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

CONTO BRASILEIRO. Disponível em:<<https://contobrasileiro.com.br/felicidade-clandestina-conto-de-clarice-lispector/>>. Acesso em: 29 de jun. de 2019.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio.** Trads. Davi Arrigucci Jr., João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1993.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. edição. Contexto. São Paulo. 2009.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Retextualização de Gêneros Escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

EAGLETON, Terry. Introdução: O que é literatura? In:_____. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução: Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 1-24. ed., São Paulo: Cortez, 2008.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30 ed. São Paulo, Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30 ed. São Paulo, Paz e Terra, 2016.

GERALDI, João Wanderley. **A constituição do sujeito leitor**. In: módulo I: Fundamentos de Estudos de Linguagem. Campinas, SP: UNICAMP, VITAG, SEE, 1993.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do Conto**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2000.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Cadernos de literatura brasileira: Clarice Lispector**, 2004, p. 79-80.

KLEIMAN, Angela Bustos. **Letramento na contemporaneidade**. Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil Bakhtiniana. Rev. Estud. Discurso vol. 9 n°2. São Paulo July/Dec. 2014; 9(2), 72-91. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732014000200006>. Acesso em 18 de dez. de 2019.

LAJOLO, Marisa. **O texto não é pretexto. Será que não é mesmo?** In: ZILBERMAN, Regina. (Org.). Escola e Leitura: Velha Crise. Novas Alternativas. São Paulo: Global, 2009.p. 98-110.

LISPECTOR, Clarice. **Para Não Esquecer**. São Paulo: Ática, 1979.

LISPECTOR, Clarice. **Seleta**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Por uma proposta para a classificação de gêneros textuais**. Recife: UFPE (inédito), 2000.

NUNES, Benedito. **O mundo imaginário de Clarice Lispector**. In: O dorso do tigre. São Paulo. Perspectiva, 1976.

PENAFRIA, Manuela. **Unidade e diversidade do filme documentário**. Universidade da Beira Interior. 1998. Disponível em:< <http://bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-filme-doc.html>>. Acesso em 28 de jun. de 2019.

PRAXEDES, Maria Fernandes de Andrade; FREIRE, Manoel. **Aspectos sociais em Clarice Lispector: uma leitura de “A bela e a fera ou a ferida grande demais”**. ANTARES, v.9, nº18, jul/dez, 2017.

ROSENFELD, A. **À procura do mito perdido: notas sobre a crise do romance psicológico**. In:_____. Letras e leituras. São Paulo: Perspectiva, 1994. p.21-32. (Debates, 260).

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. 3ª ed, Vozes, 2000, p. 38.

SOARES, Magda. **Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas**. In Revista Brasileira de Educação: ANPED, No. 0, 1995.

TADIÉ, J.-Y. **A história poética**. Paris: PUF, 1978.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 6. ed., São Paulo: Cortez, 2004. 103 p. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 47).

ANEXO

Felicidade Clandestina – Clarice Lispector

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saudade”.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu

voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.” Entendem? Valia mais do que me dar o livro: pelo tempo que eu quisesse. É tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina

para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

(LISPECTOR, Clarice. **Seleta**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971)

APÊNDICE 1

CADERNO PEDAGÓGICO



**A LITERATURA DE CLARICE LISPECTOR NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA:
O CONTO FELICIDADE CLANDESTINA E A PRODUÇÃO DE DOC-FILME NUMA
TURMA DO 9º ANO.**

MANUAL DO PROFESSOR

APRESENTAÇÃO

Querido (a) professor (a), diante de novas perspectivas educacionais acompanhadas pelas mudanças pelas quais a sociedade brasileira vem passando no que tange ao protagonismo discente, ao fortalecimento da cultura digital e da literatura como objeto de valorização e de manifestação do artístico-cultural, o trabalho pedagógico, muitas vezes, precisa se valer das ferramentas que estão a seu alcance. Por isso, com uma proposta cidadã, emancipadora e libertária, o objetivo do letramento literário desenvolvido neste caderno se vale da literatura da escritora Clarice Lispector como instrumento para esse fim, o que culminará na configuração de um curta sobre a vida e obra da mesma autora. Trata-se de uma proposta de leitura de um conto e de produção final de um doc-fime a partir dele.

Com esta proposta didática, suas aulas podem ficar mais significativas, atrativas e interessantes. Os alunos, depois de lerem o conto, vão adorar se envolver com o mundo literário a partir de um segmento lúdico. Na verdade, o (a) senhor (a) possibilitará um trabalho em equipe no qual os alunos desenvolverão o protagonismo criativo para criar cenas do texto lido e da vida da autora. Será uma forma de ler e de viver o mundo literário, conhecendo os escritores e aprendendo mais sobre eles. Dessa forma, a aula com o conto não será resumida em leitura e resposta de questões. Será possível desenvolver com os alunos do 9º ano o letramento literário, a cultura digital, o protagonismo, a compreensão da literatura de forma humanizadora e transformadora também.

Este manual didático é um produto que visa a ajudar o professor a tornar as aulas de leitura mais atrativas e lúdicas partindo de um segmento de total liberdade de criação e de busca de conhecimento a partir do texto literário. Justamente por isso, para que os alunos criem o doc-filme, eles terão de ler o conto, pesquisar a vida e a obra da autora Clarice Lispector, sendo protagonistas de sua prática, bem como desenvolvendo habilidades de pesquisa na internet, com aplicativos ou outros gêneros digitais, tudo isso sob a sua orientação, tendo o texto como objeto central.

Enfim, desejo que o/a senhor (a) possa melhorar bastante sua prática em sala de aula e obter bons resultados a partir da leitura deste caderno. Quero deixar claro que esta proposta pedagógica é possível de adaptações de estudo de qualquer gênero literário possível e qualquer autor ou temática que queira desenvolver.

Do mais, é isso. MUITÍSSIMO obrigado e um ótimo trabalho!

O autor

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	55
2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....	56
3. MATERIAL	64
4. DESCRIÇÃO DA PROPOSTA.....	64
5. SEQUÊNCIA DIDÁTICA	67
5.1. MOTIVAÇÃO	67
5.2. INTRODUÇÃO.....	72
5.3. LEITURA.....	72
5.4. INTERPRETAÇÃO	74
5.4.1. Dos grupos de criação	80
5.5. AS REGRAS DE CRIAÇÃO.....	82
5.6. OS ALUNOS EM EQUIPES	83
5.7. OS PASSOS DA CRIAÇÃO FÍLMICA.....	83
6. A CULMINÂNCIA.....	84
7. DOS CRITÉRIOS AVALIATIVOS.....	84
7.1. QUANTO AO CRITÉRIO AVALIATIVO	85
8. PALAVRAS FINAIS	85
REFERÊNCIA	88

1. INTRODUÇÃO

Este caderno pedagógico é resultado de uma proposta que aborda a vida e obra de uma das mais importantes escritoras da literatura brasileira: Clarice Lispector. Trata-se de um verdadeiro processo de criação de um filme documentário a partir da leitura de um de seus mais famosos contos, intitulado “Felicidade Clandestina”. Uma história simples, breve, mas que representa um texto de peso para nossas letras, pois pode servir de discussão de diversos temas, sejam sociais ou humanísticos. Na verdade, a literatura clariceana sempre nos apresenta diversos caminhos para um verdadeiro mergulho nas palavras e no próprio ser. Considerada a escritora do indizível e da introspectividade, Clarice Lispector permite ao leitor perceber que a literatura alimenta o homem de modo individualizado, pois temos também um universo íntimo inerente ao nosso ser.

Com um texto literário, são várias abordagens que o professor e a turma podem desenvolver em sala de aula, mas, aqui, de antemão, a proposta compõe-se de ler, interpretar, pesquisar e criar um filme documentário. Esse filme, ou doc-filme, não é nada mais que a gravação de cenas progressivas e lineares que ocorrem no conto. Já o documentário está interligado à gravação, ele se desenvolve abordando a vida e obra da escritora já apresentada acima. Não é um estudo aprofundado da obra lispectoriana, mas um conhecimento significativo da sua produção. Assim, o aluno não resumirá a aula na leitura do conto, mas desenvolverá um processo de estudo, pesquisa e criação midiática. É por isso que podemos asseverar que vale a pena ter literatura na escola também como instrumento humanizador e de desenvolvimento de outras habilidades, contribuindo assim com a formação integral dos alunos, pois o universo literário não pode mais ser somente compreendido como um mundo de significados e de imaginação presa às palavras, mas como uma fonte de diversas outras possibilidades de criar, recriar e reinventar o que se foi lido. Acontece que na escola muitas vezes o trabalho com o texto literário é considerado simples exercício de exploração textual. E esta proposta aqui vai além disso. Ela é um caminho para criação e valorização do universo artístico literário a partir do texto lido na sala de aula. Mais ainda, não só lido e explorado como também reproduzido e apresentado como forma de criação midiática, em que os alunos reproduzem o que imaginaram, o que leram e o que sentiram.

Como qualquer proposta democrática, este caderno pedagógico aceita adaptações, críticas e diagnósticos contínuos, pois, ao passo que for sendo desenvolvida a sequência didática, pode o professor ou a professora junto com a turma precisar se valer de mudanças ou adequações, o que é normal na sala de aula. Destarte, acredito que será muito significativa a

utilização desta proposta didática, pois contribuirá tanto para o letramento literário dos alunos, como para a formação integral deles e também como forma de fortalecimento do protagonismo dos estudantes.

2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Uma instituição de ensino precisa ter a consciência da importância que a leitura literária trará para o desenvolvimento sociocultural dos cidadãos nas escolas, para então desenvolver projetos que possibilitem aos alunos o prazer e o desenvolvimento do gosto pelas obras. A literatura se configura na ligação entre leitor e escrita. No dia a dia da sala de aula, o professor de Língua Portuguesa é desafiado a possibilitar a formação ou construção de novos leitores. Porém, isso não é fácil. Não se conquista ou se encanta leitores forçadamente. O aluno tem o direito de conhecer a diversidade textual para que assim se obtenha uma identificação com a prática leitora em seu contexto social. Por essas considerações, Soares (1995) assevera que “numa dimensão social ou cultural, letramento é o uso que se faz das habilidades de leitura/escrita para responder às demandas sociais” (SOARES, 1995, p. 10). Trata-se de uma funcionalidade significativa que tem o poder da leitura diante de fatores de inserção e atividade social cidadã. Segundo os PCNs (1998):

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes. Essa pode ser a única oportunidade de esses alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano (PCNs, 1998, p. 41- 42).

Aprender a ler é um ato que requer esforço, além de ser algo desafiante e instigante. Isso deve ser posto em prática o mais cedo possível pelas escolas através de ações e das inúmeras sugestões de leitura que o meio escolar disponibiliza. Conforme Freire (1988):

Se é praticando que se aprende a nadar, se é praticando que se aprende a trabalhar, é praticando também que se aprende a ler e a escrever. Vamos praticar para entender e aprender para praticar melhor (FREIRE, 1988, p. 47).

A escola tem o papel fundamental de incentivar a prática da leitura, esta é a porta do conhecimento que fornece as condições básicas para o aprendizado permanente. Já no que diz

respeito à leitura literária, em específico, compreendemos sua inserção na prática escolar como algo além do conteúdo de decodificação e de busca de informação, mas também de interpretação, da formação leitora humanizada, de apreciação estética e de inserção social. O trabalho com os textos literários também contribui para o conhecimento do mundo, das relações e do próprio homem, não por via da apreensão científica, mas através das situações criadas de forma fictícia, expressas por narrador e personagens (no caso da narrativa), por diálogos entre personagens e situações criadas (no caso do teatro) e por expressões individuais (no caso da poesia).

Em pleno século XXI, é mais que salutar refletir sobre as palavras do importantíssimo educador nordestino Paulo Freire (1989), ao afirmar que “ler o mundo ocorre antes de ler palavras”. É de trás para frente que se vê o mundo. Coerentemente, é assim que acontece o processo pedagógico. Os alunos já chegam à escola, pouco ou muito, sabendo falar, e com “experiência de mundo” própria, derivada de seu contato com o núcleo familiar e com os amigos. A escola tem a função de lhe mediar um novo conhecimento, uma nova visão de tudo que os rodeia e que está influenciando nos fatos de sua existência.

A atividade pedagógica para o letramento literário deve estar fortemente ligada ao fator humanização. Acontece que para o campo da arte literária crítica, libertária, autônoma e humanizadora é necessário lançar luz ao que pode ser utilizado das inferências que possivelmente se extraem do texto lido. Em particular, a literatura dispensa automatização e se debruça sobre a formação humanizada do ser humano como ferramenta de reconhecimento do ser no mundo e seu forte poder de transformar sua realidade a partir do pensamento crítico. Diante dessa percepção, Candido (2004) advoga que

A função da literatura está ligada à complexidade de sua natureza, que explica até mesmo o seu papel contraditório, mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão de mundo dos indivíduos e dos grupos; ela é uma forma de conhecimento, incluindo uma incorporação difusa e inconsciente. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável (CÂNDIDO, 2004, p. 97).

Mais precisamente, podemos resumir a literatura a um direito cidadão. Existe, portanto, a necessidade de fazer do ensino de literatura uma ferramenta que possibilita o interesse sobre o que humaniza e liberta de forma cidadã. Nesse segmento, cabe à escola a tarefa de apropriar-se das formas textuais com as quais os alunos têm contato cotidianamente, com vistas a torná-los leitores competentes e de maior participação social a partir do que leu.

Com a Base Nacional Comum Curricular (2018) fica evidenciada nas competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental a necessidade de que os alunos precisam:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (BNCC, 2018, p. 87).

Isso configura uma forma resumida de, realmente, possibilitar aos alunos o direito de saber entrar em contato com a leitura literária de forma humanizada, na sua essência. Dessa forma, o letramento literário é uma tomada de consciência da realidade através da leitura. Assim, é possível compreender que a literatura pode libertar e possibilitar ao educando o direito de cidadania plena. Nesse contexto, o letramento literário se torna imprescindível, conforme o define Cosson (2009):

Pela própria condição de existência da escrita literária, [...] o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciado uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí a sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade (COSSON, 2009, p. 13).

A partir das palavras do autor acima, é importante esclarecer que o letramento literário define--se diante de uma convivência com a literatura de modo amplo, estando com a leitura literária tanto como cultura quanto como modo de ver o mundo a partir da linguagem plurissignificativa. Além disso, o domínio estético se vincula a esse letramento. Trata-se de a literatura se tornar uma forma de estar e de atuar sobre a realidade do leitor. Portanto, o letramento literário se torna imprescindível para a valorização do reconhecimento pleno e da valorização da cultura literária.

Neste trabalho, busco a construção de um doc-filme como resultado da sequência didática efetivada. A orientação inovadora é fazer um letramento literário atualizado com o seu tempo, lançando mão de recursos e necessidades contemporâneas. Hodiernamente, se inclui a era da internet, da aula digital. Numa perspectiva mais abrangente, aparece o gênero digital, que hoje está incluindo os processos de interação e participação sociais. Quase tudo é socialmente realizado por intermédio de um meio digital como ferramenta de comunicação, portanto. Assim, essa perspectiva pode ou deve estar presente na sala de aula e no planejamento escolar. A concretização do processo de leitura e interpretação (momento

exterior) será composta por uma gravação de doc-filme, produto multimídia: o documentário digital, sobre a autora e o conto lido, com o objetivo de, de fato, envolver o aluno com a vida e obra da escritora, bem como pôr em prática do seu protagonismo como indivíduo participante da atividade pedagógica no envolvimento com a literatura.

Conscientemente, o aluno tem o direito pleno de conhecer a diversidade textual para que assim se obtenha uma identificação com a prática leitora. Em particular, o foco deste trabalho é no subgênero conto.

Ao conseguir fazer da leitura literária um meio de preparação para a atividade e participação social ativa, o professor está despertando e pondo em exercício o dispositivo cognitivo e interpretativo dos textos e da escrita nos alunos. A vontade de fazer da aula um exercício de cidadania propicia uma educação leitora. A liberdade de ideias, de ideologias, de saber ler nas entrelinhas é adquirida no letramento literário. É por tais considerações que Vygotsky (1984) comenta que

O letramento representa o coroamento de um processo histórico de transformação e diferenciação no uso de instrumentos mediadores. Representa também a causa de elaboração de formas mais sofisticadas do comportamento humano que são os chamados “processos mentais superiores”, tais como raciocínio abstrato, memória ativa, resolução de problemas (VYGOTSKY, 1984, *apud* TFOUNI, 2004, p. 21).

A construção de sujeitos práticos e ativos socialmente é possibilitada por uma preparação não só social, mas coletiva em sala de aula. Para isso, é mais que necessária uma orientação docente voltada para a leitura literária eficiente. A diversidade de gêneros no processo de aprendizagem dá resultados excelentes; portanto, é através do saber ler e interpretar os contextos literários, neste caso o conto, que se constrói o cidadão participativo e crítico. O protagonismo do escolar surge na possibilidade de ler nas entrelinhas e saber que tudo que foi lido serve para melhorar sua visão de mundo e libertá-lo de ideologias conservadoras que lhe oprimem. Diante disso, é possível entender que “a constituição do sujeito leitor/escritor se faz cotidianamente, movida pelos instrumentos disponíveis, constituídos pela herança cultural e reconstruídos, modificados, abandonados ou recriados pelo presente” (GERALDI, 1993, p. 57). Não se escreve ou se lê sobre um mundo sem que se faça parte ou se entenda um pouco sobre ele. Os fatos sociais, as questões ideológicas, as relações de poder são fatores decisivos para temas de aprendizagem para um processo de letramento significativo e valoroso. Na sociedade contemporânea, o surgimento de gêneros digitais e o foco pedagógico no protagonismo do aluno são pautas defendidas pelas orientações práticas de ensino. Porém, fazer melhor por uma atividade de letramento contínuo

é mais que uma necessidade. A ajuda em avanços que gerem bons resultados nas práticas pedagógicas precisa ser latente. Dessa mesma forma, Alexandroff (2009) comenta que:

Assim, torna-se fundamental a importância da revisão do trabalho cotidiano que contemple nova visão de currículo, incluindo além do trabalho com os diversos gêneros textuais, uma organização que contemple os projetos didáticos, as sequências didáticas e atividades ocasionais e permanentes, com a utilização de jogos e atividades prazerosas (ALEXANDROFF, 2009, s/p).

Vale asseverar, portanto, que uma prática pedagógica significativa se faz com liberdade de escolha na aprendizagem e diversidade nas formas de ensinar. No caso do letramento literário, hoje, é possível entender que cada professor ainda possui sua realidade, porém a sociedade contemporânea está cada dia mais dinâmica e imediata. Mas, a necessidade de letramento literário ainda continua intensa. Trata-se do mundo das possibilidades de ensinar a compreender o mundo da literatura diante da internet, das redes sociais, da aula digital, entre outros. Ler e escrever com um cunho crítico-social ou para desenvolvê-lo deve ser a maior premissa de quem protagoniza a alfabetização e o letramento literário. Destarte, assim deve ser a prática pedagógica no Ensino Fundamental maior: atualizando e diversificando a modalidade textual com o objetivo de um protagonismo social significativo e útil para a formação de futuros cidadãos participativos e de leitores competentes.

A prática de ensinar a ler e a escrever possibilitando uma viabilidade de uso social do que se aprende significativamente na escola é muito importante. A orientação de uso da escrita e da leitura literária para uma vida social participativa é abordada pelos documentos oficiais que regem a educação básica. Possibilitar um ensino libertador, com utilidade do gênero literário e atualizado na contemporaneidade reforça o processo de ensino significativo e valoroso. Portanto, o genial educador nordestino, patrono da educação brasileira, Paulo Freire (2004) assevera que, a função dos professores frente a esse processo é a de:

[...] criar meios de compreensão de realidades políticas históricas que deem origem a possibilidades de mudanças. Penso que seja nosso papel desenvolver métodos de trabalho que permitam aos oprimidos (as), pouco a pouco, revelarem sua própria realidade (FREIRE, 2004, p. 35).

Dessa maneira, a contemporaneidade exige que o leitor saiba apreender e relacionar-se com textos diversos. O surgimento de novas tecnologias requer do cidadão a busca por informações possíveis de um acesso fácil e útil. É imprescindível que a escola acompanhe as mudanças e novidades que vão surgindo. A criança em seu processo de contato com a leitura e com a escrita tem o direito de estar ligada aos processos textuais que surgem em seu meio

social. Disso resulta a necessidade de o professor defender o ensino atualizado, pois os textos são meios de comunicação social, de interação e, justamente por tal fato, o letramento está inserido nesse processo de interação. Em pauta, as palavras de Kleiman (2014) esclarecem que

As múltiplas práticas de letramento intersemióticas contemporâneas exigem do leitor e produtor de textos cada vez mais competências e capacidades de leitura e abordagem da informação cuja interpretação (e produção) aciona uma combinação de mídias. Pela sua relação com as mais recentes tecnologias de informação e comunicação, como o letramento digital, e com uma concepção aberta e múltipla dos textos que circulam num contexto (KLEIMAN, 2014, p. 81).

Portanto, não se efetiva uma educação sem que, antes de tudo, se reflita sobre ela. Assim, o professor deve possibilitar aos alunos o acesso aos diversos tipos de textos. A formação de leitores ativos sempre será considerável quando este tiver a capacidade de lidar com a diversidade modal, pois é a partir de uma preparação no processo de ensino-aprendizagem que se faz produtos de leitura e escrita otimizados.

No contexto do letramento literário e da leitura como prática para a autonomia, as necessidades de um trabalho pedagógico além do ensino bancário tornam-se necessárias para a construção cidadã dos educandos. É justamente por isso que a literatura pode servir como ferramenta de formação libertária e conscientizadora de leitores a partir de uma proposta de letramento literário humanizada. Diante desse contexto, estabelecer uma prática de letramento literário no Ensino Fundamental séries finais não exige somente uma atividade padronizada de exploração do texto, mas sim uma busca de inferências múltiplas diante do que pode ser retirado da leitura ficcional. Dessa maneira, a arte literária não será resumida a estudos pautados em erros ou acertos, mas de possibilidades diante do pluralismo das palavras e dos dialogismos possíveis que a linguagem literária pode permitir. Trata-se, na verdade, de utilizar a literatura como libertação e autonomia do leitor.

No processo educacional é preciso lançar luz sobre o texto literário. Diariamente, a gramática sempre toma o lugar que poderia ser também ocupado pela leitura significativa e prazerosa; isso ocorre quando o estudo gramatical aparece como primeiro passo para o estudo da língua. Mas cada professor de Língua Portuguesa deve possibilitar que a aquisição das estruturas da língua também aconteça a partir do próprio texto. O conto deve ser útil para o ensinamento da gramática; embora não seja o único ponto de partida. Estamos, com isso, querendo dizer que o conteúdo gramatical também pode ser absorvido através do trabalho com os textos literários, em geral, e os contos, em sentido específico. E sim, o texto deve ser pretexto (LAJOLO, 2009). Diante desse entendimento, Todorov (2009, p. 11) solicita que

“[...] o texto literário volte a ocupar o centro e não a periferia do processo educacional [...]”. Destarte, pode parecer inapropriada a colocação desse autor, uma vez que a cada dia a cultura gramatical se sobrepõe ao gosto pela leitura. A necessidade de aprender gramática purista através da própria frase isolada de textos e contextos (refiro-me ao uso de textos literários como suporte) muitas vezes é justificada pela necessidade de o aluno precisar aprender as regras gramaticais de forma automatizada para obter nota na prova ou na verificação da aprendizagem, pois nesta será cobrada a gramática nas frases e não através de textos literários como pretexto. Embora o professor tenha a autonomia de cobrar seu conteúdo, a unidade de ensino exige, em muitos casos, que este faça uma prova de acertos e erros gramaticais, em detrimento de um estudo contextualizado de um conto ou de uma poesia, por exemplo. Em verdade, estudar a gramática de forma descontextualizada, com frases isoladas, não é uma prática errada nem deve ser uma forma discriminatória de ensino das normas, pois compreender a escrita literária também exige entendimento da estrutura sintática, morfológica, fonológica etc. Porém, promover a possibilidade de o aluno ter o texto literário como suporte valoroso para a aprendizagem das regras gramaticais é contar com mais uma ferramenta de ensino e de aprendizagem significativa, além de contribuir com sua formação leitora.

Proporcionar leitura sem preocupação formal pode favorecer, pelo menos *a priori*, que o aluno se interesse mais pela literatura. Com os contos da escritora Clarice Lispector é possível proporcionar esse tipo de aprendizagem leitora. Diante disso, é importante ressaltar que, na verdade, Clarice Lispector não se desvencilha das estruturas tradicionais, mas introduz novos modos de narrar que causam dificuldades no leitor, acostumado que está com o modelo tradicional. Nesse contexto, é possível compreender que a escritora Clarice Lispector, nas suas narrativas, não busca exatamente uma interação com o leitor; se assim fosse, sua obra seria mais facilmente assimilada pelos alunos. Com uma literatura intuitiva, sugestiva, ligada aos profundos estados da subjetividade, ela desenvolve um modo singular de narrar, mais atraente e reflexivo. Essa condição de leitura à qual Lispector submete o leitor torna sua literatura inquietante e atraente. É, portanto, dessa literatura que os alunos também precisam para sua formação leitora.

Não se deve utilizar o texto literário como, exclusivamente, ferramenta de ensino gramatical ou de teorias da linguagem, pois a formação do leitor se dá pelo prazer com a leitura. Quando um conto da Clarice desperta o leitor para realidades insuspeitadas, possibilitando-lhe maior entendimento de si e do mundo, esse leitor exímio passa, assim, a ter satisfação; e, dessa maneira, se pode dizer que ali ocorrerá uma leitura proveitosa. Isso é

possível no conto clariceano “Felicidade Clandestina”, pois a autora faz, neste conto, uma reflexão sobre o fato de que quando falamos em amor, sempre pensamos no amor à pessoa amada, ou no amor a pais, irmãos, familiares e amigos. Mas pode o ser humano apaixonar-se com a mesma intensidade por um objeto ou por um hábito? E o que fazer quando esse sentimento é confrontado com sentimentos como a crueldade e a perversidade? Dessa forma, a escritora desperta nos leitores conscientização e empatia.

É preciso que a literatura, no contexto escolar, cumpra sua função: organizar o mundo do leitor e dar possibilidades de olhar o mundo de forma emancipada e libertária em sua formação de ser humanizado. Nessa concepção, Compagnon (2012) assevera que a literatura pode “[...] nos tornar sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos” (p. 60). Muito coerentemente, Clarice Lispector desenvolveu uma literatura preocupada com o individual ou íntimo, bem como com uma subjetividade profunda. Sua escrita traz o desvelamento de percepções íntimas dos personagens, para assim atingir as pessoas através de fatos cotidianos. A forma de ver o outro e se ver no outro foram temáticas recorrentes em suas narrativas diante de inquietudes subjetivas. Mas para isso, muitas de suas narrativas partem de fatos cotidianos, que remetem a situações pelas quais estamos acostumados a ver ou a passar.

As discussões sobre letramento na escola não se esgotam, principalmente na contemporaneidade, em que novas perspectivas surgem diante de possibilidades de dar sentido à aprendizagem. Para a escola não é fácil estabelecer as diversidades de ensino e de leitura de língua diante das mudanças comunicativas do meio social, além dos surgimentos dos gêneros e diversidades de semióticas. Pensando nisso, a professora Roxane Rojo estabeleceu um sentido de multiletramento na escola. Para Rojo (2012),

O conceito de multiletramentos aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidades presentes em nossas sociedades, principalmente as urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituições dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (ROJO, 2012. p. 13).

A escola agora, na prática, tem que dar conta da multiplicidade de letramentos, sejam digitais, culturais, alfabetizador ou textual. Na contemporaneidade, os indivíduos nascem “imersos” no mundo digital. As pessoas vivem “imersas” no mundo digital. Diariamente, são apresentados e ofertados para os alunos dispositivos que os permitem aprender músicas, diferentes linguagens, conhecer pessoas, entre outras formas de interagir socialmente. Trata-se, portanto, dos fatores da diversidade de linguagens e do convívio com a diversidade

cultural. Desse modo, a autora desenvolve a proposta crítica que é "de grande interesse imediato e condiz com os princípios de pluralidade cultural e de diversidade de linguagens envolvidas no conceito de multiletramentos" (ROJO, 2012, p. 300).

Portanto, a escola deve estar preparada para isso e para desenvolver a prática da leitura literária nas diversas multiplicidades pedagógicas, bem como enfrentar os diversos obstáculos que prejudicam a aprendizagem diante de um ensino significativo e emancipador.

Vamos ao material.

3. MATERIAL

O material selecionado foi o conto "Felicidade Clandestina", da escritora Clarice Lispector (1920-1977). Com esse conto, é possível desenvolver muitas propostas didáticas. A minha proposta inclui o letramento literário e a formação leitora, a partir da leitura em sala de aula, da apresentação da romancista para os alunos já no 9º ano e da criação, pelos alunos, de um filme documentário.

O conto pode ser facilmente encontrado. Trata-se de um texto muito famoso; está disponível na internet. Os alunos vão gostar da história. Com poucos personagens, fala de uma garota que descobre o amor pela leitura, o que é um tema muito próximo da realidade deles; assim é mais fácil desenvolver atividades em sala de aula. Portanto, não será difícil aplicar esta proposta pedagógica, pois o texto não é complexo, e possivelmente os alunos vão participar significativamente, já que o trabalho de criação do doc-filme será a gravação de cenas e pesquisar sobre a vida e obra da autora, de forma lúdica e coletiva.

É inegável que falar sobre a literatura de Clarice Lispector exige conhecer bem suas abordagens e características próprias da sua criação literária. Por isso, os discentes devem ser mediados pelo professor. Assim eles podem conhecer a literatura clariceana; não a fundo, mas de forma que já adquiram alguma informação da vida e obra da romancista.

4. DESCRIÇÃO DA PROPOSTA

A premissa maior desta proposta didática é trabalhar a literatura de Clarice Lispector nas aulas de Língua Portuguesa, com o conto "Felicidade Clandestina" numa turma de 9º ano, contribuindo assim com o letramento literário, visando também à formação de novos leitores. Como objetivos norteadores, tem-se: desenvolver o letramento literário a partir do conto clariceano "Felicidade Clandestina"; buscar as contribuições do conto clariceano "Felicidade

Clandestina” na formação humanizada dos alunos; ativar o processo de protagonismo da aprendizagem dos alunos numa criação de um filme documentário; perceber a significância que tem a literatura para humanizar os cidadãos; envolver os alunos com a arte literária e a criação midiática a partir da leitura do conto; ensinar aos alunos a fazer do texto (conto) uma ferramenta de possibilidades de compreensão deles mesmos, e, deste texto, dessa maneira, retirar formas diversas de “materialização” da leitura; possibilitar a criação de um filme documentário a serviço do ensino de Literatura.

Esta proposta é de aprendizagem lúdica e de valorização do protagonismo discente, bem como do contato com o multiletramento na escola diante da busca e criação de conteúdos para o filme documentário proposto à turma.

Inúmeros fatores evidenciam a eficácia e a necessidade do uso das novas tecnologias e inovações na escola como recursos didáticos e ferramentas de ensino-aprendizagem, bem como diante do letramento digital, do efetivo protagonismo docente e dos componentes curriculares supracitados pela BNCC (2018), visando ao ensino por meio da construção de conhecimentos, baseado em uma prática pedagógica voltada à aprendizagem significativa. Neste sentido, Kenski (2007, p. 22) discorre que: “Na atualidade, o surgimento de um novo tipo de sociedade tecnológica é determinado principalmente pelos avanços das tecnologias digitais de comunicação e informação e pela microeletrônica”. Nesse papel, o professor atua na própria ação, na aprendizagem individual e coletiva; ao mesmo tempo que desempenha sua parceria com os alunos considerando o estilo de trabalho, a coautoria, o protagonismo, a valorização e contato com o mundo digital (BNCC, 2018) e os caminhos adotados em seu processo evolutivo.

Nesse contexto, para o ilustre educador nordestino Paulo Freire (FREIRE, 1993, p. 9), “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. E Perrenoud (2000, p. 139) acude que “mais do que ensinar, trata-se de fazer aprender (...), concentrando-se na criação, na gestão e na regulação das situações de aprendizagem”. Assim, o professor percebe a realidade por meio da cooperação recíproca, de tal modo que todos aprendem simultaneamente. E a tecnologia permite isso no instante em que se complementa com desenvolvimento de atividades pedagógicas complementares e protagonistas utilizando como ferramenta os meios digitais.

Com o doc-filme, é possível compreender que a escola, com o uso das tecnologias digitais deve ser atrativa por levar o aluno à realidade contemporânea, adequar-se a ela, aproximando-o através de metodologias inovadas que possibilitem ao interesse, a motivação e

o gosto pelo estudo. É nesse sentido que a escola deve estar pautada no compromisso de práticas educativas que contemplem a emancipação e a autonomia de cada educando em sua relação consigo mesmo, com a sociedade e com o mundo, auxiliando assim no processo de valorização de seres historicamente construídos e do letramento digital.

SEQUÊNCIA	OBJETIVO	TEMPO/AULA	METODOLOGIA
Motivação	Apresentar aos alunos a tarefa que será desenvolvida após a leitura, compreensão e interpretação do conto.	50 min (uma aula)	Trata-se de uma aula para esclarecer o trabalho que será desenvolvido. A tarefa desenvolvida será baseada no conto “Felicidade Clandestina” Serão duas leituras: uma individual (silenciosa) e outra coletiva (com o professor e toda a turma).
Introdução	Anunciar à turma a autora e a obra.	50 min (uma aula)	Será apresentada aos alunos a escritora Clarice Lispector. Trata-se de explicar brevemente sua importância para a literatura brasileira e para a formação de novos leitores. Assim, os alunos ficarão informados da popularidade e importância da literatura clariceana para nossas letras.
Leitura	Possibilitar o contato com o texto de forma prévia para prosseguir com as interpretações possíveis.	100 min (duas aulas)	Acompanhar a leitura. Policiamento da leitura dos alunos em sala. Cada aluno, com o texto em mãos fará a leitura individual silenciosa do conto. Em seguida, haverá a leitura coletiva.
Interpretação	Ativar o processo de protagonismo da aprendizagem dos alunos numa criação de um filme documentário, logo após discussões sobre o enredo do conto.	150 min (três aulas)	Configurará o momento exterior das interpretações, a busca da verdade de mundo a partir da leitura, captação dos sentidos do texto e a externalização da leitura, bem como um registro dela, o doc- filme literário produzido amadoramente pelos próprios alunos; assim teremos um objeto de uma teoria fílmica própria baseado no texto e na autora.

5. SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Querido aluno, agora vamos para a sequência didática, que são os passos para nossa atividade. Tente acompanhar cada passo, pois você precisa se dedicar às orientações e tarefas descritas aqui. Siga cada passo e peça ajuda do seu professor, caso tenha dificuldade. Saiba também que seu conhecimento prévio é muito importante. Por isso, não deixe de pôr em prática o que você já sabe sobre leitura, escrita, tecnologia e também seu conhecimento de mundo. Vale a pena acreditar no que você já sabe. Seu conhecimento é muito significativo!



IMPORTANTE!

Professor (a), a Sequência Didática adotada neste caderno segue o modelo de Rildo Cosson (COSSON, 2009), mestre em Teoria da Literatura, doutor em Letras e pós-doutor em Educação.

Num contexto de letramento literário, em que esse autor também trabalha, aqui será desenvolvida uma sequência de apresentação da autora em foco, leitura do conto escolhido e exploração textual. Como se trata de uma turma de Ensino Fundamental série final (9º ano), seguiremos a sequência Básica de Letramento Literário, a qual é composta por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. Veremos em seguida.

5.1. MOTIVAÇÃO

Aluno (a), a motivação será para a primeira aula (50 min). O objetivo aqui é apresentar a tarefa que será desenvolvida após a leitura do texto, compreensão e interpretação do conto. Trata-se de esclarecer dúvidas sobre a tarefa que será desenvolvida, isso porque vocês e seus colegas podem não compreender direito cada etapa que será desenvolvida. Esta aula é justamente para conversar e introduzir o trabalho que será desenvolvido.



IMPORTANTE!

Caso não haja o conto no livro didático, busque na internet ou em livros de contos da Clarice Lispector. Os alunos precisam ter cada um uma cópia do conto. É possível também encontrar o texto no seguinte endereço:
<<https://contobrasileiro.com.br/felicidade-clandestina-conto-de-clarice-lispector/>>

O professor vai apresentar a tarefa que será desenvolvida após a leitura, compreensão e interpretação do conto. Vocês lerão o conto em sala de aula, compreendê-lo-ão e, mediados pelo professor, interpretarão o texto para poderem decifrar os contextos possíveis e a leitura de mundo apresentada pela autora. Trata-se de uma aula introdutória, mas que será muito importante para prosseguir com a Sequência Didática, com as aulas seguintes.

O professor vai explicar que serão duas leituras: uma individual (silenciosa) e outra coletiva (com o professor e toda a turma do 9º ano); isso numa mesma aula, logo após a motivação.

Somente após as leituras, a turma será dividida em três grupos: um de criação adaptável de um texto dramático para teatro a partir do conto lido, pesquisa biográfica da escritora e organização de ensaio para atuação (desse grupo serão selecionados três alunos para apresentar e/ou narrar o doc-filme literário); um incumbido de organizar datas e horários para a gravação do doc e organização de cenário; outro para sistematizar a edição, bem como toda a finalização midiática e apresentação do doc-filme gravado.

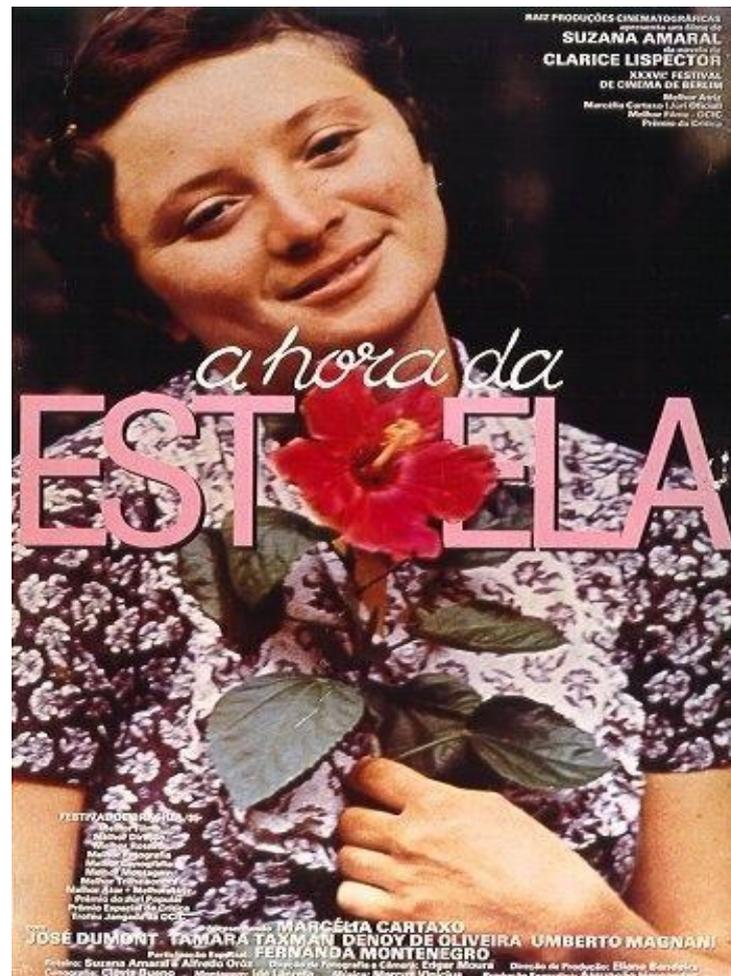
Será feita a leitura do conto clariceano para começarmos a pensar num doc-filme literário, assim proporcionando um maior vínculo entre os alunos e a literatura de Clarice Lispector.

Você gosta de produzir vídeos? Já pensou como seria legal criar um vídeo a partir de um texto lido na aula? Seria legal, não é?

Você sabe o que é uma doc-filme? Em linhas gerais, é um documentário gravado (filmado até mesmo de forma amadora) junto a um curta-metragem (uma dramatização filmada). Acontece que o professor vai apresentar a vocês um texto, vocês lerão e farão um doc-filme sobre a história desse texto e sobre a autora, no caso: Clarice Lispector.

O cinema sempre gostou de adaptar os textos literários para filmes, no caso de longa-metragem. A literatura lispectoriana já conta com duas significativas produções gravadas para o cinema brasileiro, que são *A hora da Estrela*, direcionado por Susana Amaral em 1985 (*A hora da Estrela* é um filme brasileiro de 1985, do gênero drama. O roteiro é uma adaptação do romance homônimo de Clarice Lispector) e, mais recentemente, *O Livro dos Prazeres*. Esse filme é um longa-metragem da diretora Marcela Lordy. Trata-se de uma adaptação da obra *Uma Aprendizagem* ou *Livro dos Prazeres*, de Lispector também. Caso queira assistir a esses filmes, basta pesquisar nas plataformas digitais. Veja as figuras abaixo das capas do filme de cada obra e converse com seu (sua) professor (a) sobre a possibilidade de assistir a eles. Você pode também assistir aos filmes no conforto da sua casa. É fácil. Basta acessar sites disponíveis ou até mesmo o link que está abaixo das figuras.

FIGURA 1



Fonte: ADOROCINEMA. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-5146/fotos/detalhe/?cmediafile=19874330>. Acesso em 27 de dez. 2020.

menina, passou a infância e a adolescência entre Maceió, Recife e Rio de Janeiro (onde morou por muitos anos até sua morte, em 1977). Mas foi no período de sua juventude que começou a fazer seus primeiros escritos. Formada em Direito, casada por muitos anos com um diplomata, com quem teve dois filhos, a autora de “A Hora da Estrela” (seu último livro, uma novela) tornou-se uma das principais escritoras da literatura brasileira, quiçá mundial. Escrevendo uma significativa produção de ensaios, crônicas, contos e romance, seus livros foram traduzidos para muitos idiomas. No dia 9 de dezembro de 1977, falece no Rio de Janeiro, vítima de um câncer no útero. Seu sepultamento foi realizado no cemitério Israelita do Caju, zona norte do Rio.

Clarice Lispector é reconhecida por seus romances de cunho introspectivo, nos quais o narrador captura o pensamento da personagem, através do chamado discurso indireto livre, assim como seus contos e crônicas são de respeito crítico também. Sua forma de escrever, despreocupada com início, meio e fim padronizados possibilita aos leitores o contato com uma obra distante das convenções.

Além disso, há muito ainda o que descobrir sobre essa escritora. Tente pesquisar mais sobre ela! É possível encontrar na internet muitas fotos e documentários sobre sua vida e obra, como a fotografia abaixo, apresentada pelo Museu da Língua Portuguesa na cidade do Rio de Janeiro em 2017:

FIGURA 3



Fonte: Museu da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/memoria/exposicoes-temporarias/a-hora-da-estrela-clarice-lispector/frase-claricelispector/>. Acesso em: 29 de dez. 2020.

IMPORTANTE!

Professor (a), há duas obras renomadas que tratam da biografia de Clarice Lispector: *Clarice – uma vida que se conta*, da pesquisadora Nádya Battela Gotlib, e *Clarice*, de Benjamin Moser. É interessante a leitura. Vai ajudar bastante a conhecer a vida da autora.

5.2. INTRODUÇÃO

Esta é a etapa da próxima aula, equivalerá a uma aula (50 min). Será o início à proposta didática. A aula anterior foi a aula de esclarecimentos.

Já sabendo quem é a autora e um pouco da vida literária dela, é preciso explanar sua importância para a literatura brasileira e para a formação de novos leitores. O professor vai falar sobre isso. Vocês ficarão informados da popularidade e importância da literatura clariceana para nossas letras.

Autora de romances, contos, crônicas, Clarice Lispector tornou-se mais conhecida pelos seus contos, que se tornaram populares pelo elevado valor atribuído pela crítica. Ainda não estudada especificamente, embora já lida esporadicamente ou não no Ensino Fundamental maior, ou menor quiçá, essa escritora e sua literatura serão propagandeadas em uma conversa introdutória à entrega e ao início da leitura do texto. Toda uma preparação deverá ser construída, chamando a atenção dos alunos e despertando a curiosidade para conhecer a história do texto que será lido.

5.3. LEITURA

Essa etapa será de duas aulas (100 minutos). O objetivo aqui é possibilitar com que vocês atuem o processo de protagonismo (vocês mesmos façam) da aprendizagem numa criação de um filme documentário. Essas aulas são dedicadas para a leitura, com a realização de uma leitura silenciosa e depois coletiva, seguidas de discussão. Leiam bem o texto, observem cada passagem da narrativa. Esse será o contato com a obra. Mesmo que nunca tenham lido “Felicidade Clandestina”, esse contato é significativo, embora ao passar das aulas

e da familiaridade com o texto vocês já despertem novos olhares sobre a narrativa. Isso é natural.

O momento da leitura será importante para que vocês tenham um contato significativo com a obra trabalhada. Em primeiro momento, até que pode não ser possível vocês interpretarem de forma tão significativa os fatos ocorridos ou perceberem detalhes das narrativas importantes para esclarecimentos sobre o próprio texto, mas é necessária essa primeira leitura para que seja reconhecida a história e estabelecidas interpretações e discussões logo adiante.

Antes da leitura silenciosa

Aluno, fique à vontade durante a leitura, dedique-se à narrativa e curta a leitura. O professor dará tempo para que vocês leiam o texto com calma. Pode ser que o tempo de aula estipulado seja pouco, mas não importa se vocês demorarem para ler. O importante é que a leitura ocorra tranquilamente, sem interrupções e sem pressa. Far-se-á necessário exigir que vocês façam a leitura sem interrupções, em fila indiana mesmo, isso porque o primeiro contato com o texto é muito importante para que as impressões individuais surjam. Uns vão ficar do lado da garota filha do dono da livraria, outros do lado da narradora, entre outras possibilidades. O importante é se atentar à leitura.

O seu professor, durante a leitura (silenciosa) dos alunos, não vai o interromper. Se preciso, esteja com um dicionário durante a aula, pois pode precisar saber de algum significado de palavra; caso tenha dúvida de alguma palavra, procure no dicionário, opte por não saber o significado direto com seu professor.

Atividade

Em Seguida, o professor vai organizar a leitura coletiva. Para essa leitura, é possível que o texto seja dividido em partes para que cada um dos colegas leia em voz alta, cada um em seu devido momento. Ele pode perguntar pelos alunos que querem ler, para deixar tudo mais livre. O momento de leitura de cada um deve ser organizado por parágrafos. Nesse momento, será possível observar a pronúncia das palavras e a entonação no final das frases, bem como as passagens da

É preciso que o professor pesquise e faça uma leitura prévia sobre a autora, sobre o texto e sobre o gênero conto.

narrativa que podem dizer muito sobre como você e seus colegas entenderam o texto ou como leram, já que são leitores iniciantes.

Agora, faça a leitura coletiva

É bom que vocês façam um círculo com as carteiras, para que todos se vejam bem durante a leitura e escutem bem os colegas. Leiam e acompanhem o texto com calma enquanto o colega lê. Tente analisar, de acordo com seu conhecimento de mundo, as ações das duas garotas protagonistas da história. Perceba que muitos temas podem ser discutidos a partir de um olhar sobre a narrativa, tais como o estabelecimento de padrões sociais, a crença em opinião alheia, diferenças sociais, o amor pela leitura, o sentido de felicidade, entre outros. Busque, assim, perceber os diversos temas que podem ser tratados a partir da leitura do texto. Espera-se que cada um de vocês dê uma contribuição interpretativa e críticas. Por fim, é importante ouvir o professor, pois ele fará o discurso de esclarecimento e exposição de outras interpretações. Desse modo, é possível que vocês despertem novos olhares sobre a narrativa e não tenham medo do opinar.

5.4. INTERPRETAÇÃO

Agora será preciso saber o que vocês acharam do texto, as interpretações e críticas. Tente buscar o máximo de informações depois de ter lido o conto. Sabe-se que a leitura de vocês pode ainda não ser a esperada pelo professor, mas o diálogo em sala de aula será importante para esclarecer passagens do texto que talvez não tenha sido percebida, embora seja muito importante para conclusões da narrativa. Portanto, lembrem-se de que um texto pode ter qualquer interpretação, mas não pode ter uma interpretação qualquer.

Tente ouvir um pouco os colegas (isso é necessário), se eles já passaram por situação parecida à da narradora do conto. Tente compreender através da conversa com os outros colegas se eles conseguiram decifrar os contextos possíveis e a leitura de mundo apresentada pela narrativa, e se você também já passou por algo parecido. Se sim, conte para a turma. Agora é momento de diálogo!

A turma precisa estar atenta para a opinião de todos, para que seja estabelecida uma discussão a partir de leituras diferentes. O olhar de cada aluno é bem-vindo e isso pode despertar interpretações não identificadas pelos outros colegas. Por isso, valorize a fala e a opinião do seu colega.

Veja, querido aluno, que a união de dois fios de uma vida se materializa numa narrativa que ocorre para contar a história de maldade que sofreu a narradora por ter desejado tanto um livro, “As Reinações de Narizinho”. No início da narrativa, é possível já observar no primeiro parágrafo (e no primeiro período) um olhar preconceituoso da narradora sobre a garota filha do dono da livraria. Observe:

“Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria”.

Qual será esse tipo de preconceito? Você consegue explicar para seus colegas?

Observe que a narradora (ao descrever) evidencia que a filha do dono da livraria não segue um padrão social estabelecido. Isso é importante discutir com seus colegas e com seu professor. Tentem descobrir que padrão é esse. Coerentemente a isso, é possível compreender que podem existir uma persuasão da narradora do conto em deixar o leitor contra a filha do dono da livraria. Então, qual das duas garotas têm razão na história? Qual é a garota boa? Qual é a má? Será que ambas são más? Ou ambas são boas? Dê sua opinião.

Essa narrativa envolvente entre as protagonistas pode ser uma “grande armadilha” da narradora para ter razão na história e se tornar a vítima indefesa, humilhada? Fato que pode ser discutido diante da passagem:

“Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia”.

Por que será que a narradora usa a expressão: “Mas que talento tinha para a crueldade”? A vingança era notória como uma forma de revidar sua retração diante das garotas fisicamente bonitas? Era preciso se vingar, mas continuamente para que fosse mais significativo como eram os dias na escola. As garotas esguias causavam-na inveja no

cotidiano, e assim ela o queria fazer. Com isso, vale você se perguntar: será que a filha do dono da livraria não sofria *bullyng*? Será que ela não estava somente querendo se vingar com as humilhações do que sofria cotidianamente na escola? Ou nada disso justifica suas humilhações e avareza? Tente estabelecer discussão com seus colegas.

O sofrimento a acompanhou desde o começo, ela não queria saber das humilhações, queria o livro para se tornar completa, feliz na sua fase de leitora assídua. Dessa maneira, é preciso notar também que o fato de ser humilhada se iniciou desde o começo do enredo, pois a garota pedia o livro emprestado e já se submetia à humilhação. Humilhar de fato era um talento que a filha do dono da livraria trazia consigo? Ou isso não passava de uma vingança? Mas ainda não era o começo de exercer seu plano de maldade. Parecia que um plano, de fato, fora pensado para a prática. A garota gorda e sardenta era inteligentemente calculista. Encontrou uma presa, indefesa, vulnerável por querer sofrer para se tornar feliz.

Com isso, ainda é possível perceber distinções sociais na narrativa. Você consegue fazer essa distinção? Procure no texto uma passagem em que a filha do dono da livraria apresenta maior condição financeira que a narradora. Percebe-se pelo lugar onde mora e por ser filha de um empresário dono de uma livraria. Será que isso representa uma luta de classes? Comente com seus colegas a seguinte passagem:

“No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo [...] estranho de andar pelas ruas de Recife”.

Ir buscar o livro não a cansou, nem tirou sua esperança. O sofrimento precederia a felicidade; mas não seria uma felicidade infinita, já que foi, e sempre fora, clandestina para ela. Fugindo da ideia de felicidade continuada e ininterrupta, Lispector se concentra numa conclusão de momento feliz, tão feliz que não haja pressa de terminar, mas de reprisar seu efeito de afeto ao ser.

A felicidade da narradora era sempre clandestina. Ela deixa isso claro como forma de se desabafar com o leitor e prender sua atenção. Assim, é importante perceber como a esperança antecede a felicidade de ter um livro em mãos, mas que não é dela, embora seja sua felicidade clandestina ao afirmar que:

Surpreende o leitor o fato de a narradora não ler o livro de imediato, só para ter a sensação de posse e de estar feliz demais com o livro em mãos. É importante discutir com seus colegas essa atitude da narradora, pois ela deveria ler o livro de imediato, mas não o fez.

Assim, o conto é finalizado com a posse do livro comparada entre mulher e amante. A narradora, agora já é uma mulher que escrever e conta sua história que ocorreu quando ela era criança. E termina o conto afirmando:

“Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante”.

Essa felicidade é tomada como tradicionalmente contínua e ininterrupta. No conto “Felicidade Clandestina”, a narradora-personagem, em seu trabalho de produção, tece o fato de não *ser* feliz, mas de *estar* feliz, num embate ideológico de como se somente fosse possível sê-lo abdicando ou modificando a realidade vivida e buscar o que é sonhado, projetado, pois assim usufruirá de uma vida totalmente livre do sofrimento, das decepções e da tristeza que convive com os humanos. Essa construção de sentido da palavra no texto pode ser efetivada diante de um prévio conhecimento de sentido genérico do léxico dicionarizado na situação de recepção textual em que o leitor pode compreender um novo sentido da palavra para que essa significação seja atribuída.

No conto “Felicidade Clandestina”, a palavra felicidade não dá nome à tão sonhada felicidade finita. A autora intitula seu conto com duas palavras (substantivo e adjetivo, respectivamente) que se completam para a leitura de um texto que não vai tratar do esperado canônico: felicidade para sempre; mas do inesperado: felicidade de instantes, clandestina, conforme já é avisado no título.

“Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar...”

Será que agora já é possível responder perguntas básicas sobre o texto? Tais como: quantas personagens há no texto? O texto é narrativo, descritivo, dissertativo ou híbrido (com passagem de narração, descrição ou dissertação)? Qual a história do texto? Se sim, então tente testar seu conhecimento de leitura e exploração textual a partir da atividade a seguir:

EXPLORAÇÃO TEXTUAL



01. Os três primeiros parágrafos formam a introdução do conto lido. Neles, são apresentadas as características das personagens da história.

- a) Quais são as personagens principais da história?
- b) Como é feita a caracterização das personagens: de modo superficial ou de modo aprofundado, minucioso?
- c) Que aspectos dessas personagens são ressaltados?

02. Embora a filha do dono de livraria não tivesse muitas qualidades, algo a fazia parecer superior aos olhos da narradora. O que era?

03. Observe estes trechos do texto:

- “Mas que talento tinha para a crueldade.”
- “Ela toda era pura vingança.”

- a) Por que, na opinião da narradora, a outra menina tinha talento para a crueldade?
- b) Qual é a explicação da narradora para o ódio e o desejo de vingança da menina?
- c) Você já se viu numa situação de posse de um objeto querido, conquistado com esforço? Compartilhe sua experiência num breve texto.

04. Releia este trecho:

“Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía As renações de Narizinho, de Monteiro Lobato”.

- a) O emprego da expressão como casualmente dá a entender que a iniciativa da filha do dono de livraria foi uma ação casual ou planejada?

b) O que a menina provavelmente imaginou a respeito da importância do livro para a narradora? Justifique sua resposta.

5) Sobre os elementos do conto, responda:

- a) Tipo de narrador e foco narrativo:
- b) Onde acontecem os fatos narrados?
- c) Tipo de discurso:
- d) Variedade linguística empregada:
- e) Protagonista:
- f) Antagonista:
- g) Tempo verbal predominante:

Será que você é um bom leitor? Se sim ou se não, será que consegue responder às questões de síntese a seguir?

Agora que você já leu e respondeu a exploração textual, vamos falar um pouco sobre a escritora Clarice Lispector? Será que você consegue responder algumas perguntas sobre a vida e a obra dela? Pesquise e tente responder:

CONVERSA SOBRE O ESCRITOR



- 1ª) Em que ano e em qual país Clarice Lispector nasceu?
- 2ª) Em qual Estado brasileiro Clarice Lispector morou quando era criança?
- 3ª) Qual seu primeiro livro publicado?
- 4ª) Pesquise e cite algumas obras de Clarice Lispector.
- 5ª) De acordo com o que você pesquisou, quais as principais características da literatura de Clarice Lispector?

Ao finaliza as atividades, corrija-a com a ajuda do seu professor. Ele também vai orientá-los na externalização da leitura com a criação do doc-filme literário (filme documentário, ou melhor, um documentário digital) sobre o conto lido. Saiba que, ao ler qualquer texto, é importante lê-lo inteiro, se possível, em voz alta; circular as palavras que não conhece e procurar seus significados; perguntar a si mesmo qual é o objetivo do texto lido; perguntar-se sobre o conteúdo do texto; e anotar o que mais lhe chama a atenção. Para ler estrategicamente, é necessário fazer uma inspeção do texto: ver como ele é organizado, o título, os parágrafos, o autor e o contexto; enquanto estiver lendo, faça anotações ou marcações das partes mais importantes e um pequeno resumo por parágrafo; ao terminar a leitura, escreva um resumo sobre o que entendeu e tente explicar em voz alta o conteúdo. Assim, fica mais fácil de aprender.

Desse modo, é importante que você e seus colegas não fiquem sem os esclarecimentos no tocante às dúvidas. Caso você não saiba lidar com as mídias digitais, procure saber se algum colega sabe; assim, vocês podem formar grupos para desenvolver habilidade com as mídias. Para dividir a turma é preciso estabelecer um critério prévio de conhecimento do que vai fazer, pelo menos de início.

Tenha certeza de que o (a) professor (a) vai valorizar o conhecimento prévio de vocês e o protagonismo discente também, com metodologias ativas. Dessa maneira, vocês vão buscar informações, procurar mais sobre a escritora, o conto e sobre como fazer um doc-filme. Acontece que você e seus colegas serão ativos no processo de ensino-aprendizagem. Portanto, esse será um produto de vocês.

Não se preocupe, pois o professor vai ajudá-los a explorar o conto e vivenciar cenas criadas e protagonizadas por eles mesmos. Trata-se de fazer a literatura acontecer de forma viva por vocês mesmos. O tempo determinado para essa tarefa é de três aulas (150 minutos). Observe que para cada tarefa distinta é orientado um tempo, então tente se organizar com seus colegas.

5.4.1. Dos grupos de criação

O professor dará o ponto de partida para fazer uma reflexão sobre o fato de que quando falamos em amor, sempre pensamos no amor à pessoa amada, ou no amor a pais, irmãos, familiares e amigos; como pode o ser humano apaixonar-se com a mesma intensidade por um objeto ou por um hábito? E o que fazer quando esse sentimento é confrontado com sentimentos como a crueldade e a perversidade? Isso configurará o momento exterior das

interpretações, a busca da verdade de mundo a partir da leitura, captação dos sentidos do texto. A externalização da leitura, bem como um registro dela, será o doc-filme literário produzido amadoramente por vocês, alunos; assim teremos um objeto de uma teoria fílmica própria.

Nesse doc-filme (de 15 minutos de duração), será feita uma apresentação breve da vida e obra da escritora Clarice Lispector e mostras de gravações de trechos de atuações de vocês. Vocês farão, baseados no enredo de “Felicidade Clandestina”, um texto dramático, amadoramente, com orientação do professor. Entregarão o texto dramático para revisão.

O professor orientará a turma no que for preciso. Pronto o texto dramático, já escolhidos os alunos de atuação e apresentação, deverá ser marcada a data de gravação, numa aula. Com gravação pronta, o grupo responsável pela edição fará sua incumbência. Editado e salvo em *pen drive*, o doc-filme será mostrado na sala de mídia, por *data show*, a toda a turma.

O doc-filme literário seguirá duas linhas de pensamento: a primeira diz respeito ao caráter não ficcional do documentário; a segunda, parte do princípio de o artista literário não ter, necessariamente, compromisso com a realidade. Sendo assim, o doc-filme terá o seguinte formato: apresentação de elementos que fazem parte da vida da escritora, do seu processo de criação, dentre outros (documentário) e exibição de imagens que ilustrem as cenas elaboradas nos contos.

A turma (de X alunos) será dividida em três grupos. Esses grupos serão de critério de conhecimento prévio de cada aluno.

IMPORTANTE!

Aluno (a), escolha os grupos com seus colegas. Definam quem tem mais habilidade para determinada tarefa, como lidar com tecnologia, escrever, falar bem, quem gosta de teatro, entre outros talentos da turma.

Desse modo, os grupos serão:

- ✓ 1º GRUPO- de criação adaptável de um texto dramático (busque saber com o seu professor ou pesquise as características de um texto dramático) para

teatro a partir do conto lido, pesquisa biográfica da escritora e organização de ensaio para atuação (desse grupo serão selecionados três alunos para apresentar e/ou narrar o doc-filme literário);

- ✓ 2º GRUPO- será incumbido de organizar datas e horários para a gravação do doc e organização de cenário, roupas e utensílios;
- ✓ 3º GRUPO- será para sistematizar a edição, bem como toda a finalização midiática e organizar a apresentação do doc-filme gravado.



SUGESTÃO!

Para organizar melhor cada tarefa, marque reuniões com seus colegas. Faça um calendário de encontros. Observem que vocês podem fazer uma reunião antes de executar a tarefa do grupo, e muitas outras durante o cumprimento dela. Vocês podem se reunir na própria sala, no final da última aula, no pátio da escola, na biblioteca ou na casa de algum colega.

É imprescindível também que cada grupo tenha um líder para melhorar a comunicação entre os membros e o professor.

5.5. AS REGRAS DE CRIAÇÃO

O doc-filme literário seguirá duas linhas de pensamento e organização técnica. A primeira diz respeito ao caráter não ficcional do documentário; e a segunda, parte do princípio de o artista literário não ter, necessariamente, compromisso com a realidade. Sendo assim, o doc-filme terá o seguinte formato: apresentação de elementos que fazem parte da vida da escritora, do seu processo de criação literária, dentre outros fatos característicos da vida e criação literária de Clarice Lispector (documentário) e exibição de imagens que ilustrem as principais cenas do conto lido na sala de aula. Vocês têm liberdade de pesquisar sobre a escritora em questão. Podem pesquisar na *internet* ou na biblioteca da escola. Caso tenha dúvida em alguma questão, peça ajuda ao professor (a). Esse conto pode gerar muitas discussões e será ótimo para a criação de um doc-filme. Na narrativa, o início, meio e fim

podem ser identificados tranquilamente, portanto vale caprichar na criação digital seguindo um critério linear bem esclarecido.

Tentem dá ênfase à importância de ler Clarice Lispector. Busquem pesquisar sobre a produção literária dela e sua relevância. Dentre os diversos motivos, podemos destacar que é importante ler Clarice porque: a sua obra é uma das mais importantes da literatura brasileira do século XX por trazer à reflexão os mistérios da existência e do mundo; desde o seu primeiro livro, ela nunca deixou de fascinar os leitores de todo o mundo com sua escrita impecável. Clarice valorizava o lado humano de suas personagens. A construção de cada uma era intimista, com foco não no enredo, mas em sentimentos, medos e frustrações. Geralmente, suas personagens são retratadas como mulheres comuns que não se adaptam à vida cotidiana moderna. Em suas narrativas há a reflexão sobre a existência e o processo epifânico (procurem no dicionário a definição de epifania).

5.6. OS ALUNOS EM EQUIPES

Vocês farão o doc-filme baseados no enredo de “Felicidade Clandestina”. Será preciso criar um roteiro e um texto dramático, amadoramente, com orientação do professor. É importante entregar o texto dramático para revisão. O professor orientará a turma nas falas do texto, antes ou depois de serem criadas.

Mas você sabe o que é um texto dramático? Já escreveu algum roteiro para gravação de filme? Pesquise um pouco e converse com seu professor.

São muitos os textos literários que são adaptados para o cinema ou gravados em curta metragem. Para isso é feito um roteiro baseado no texto original. Mas aqui vocês vão desenvolver o doc-filme. Será amador, mas alta precisão e respeito à obra.

5.7. OS PASSOS DA CRIAÇÃO FÍLMICA

Nesse doc-filme (de 15 minutos de duração), será feita uma apresentação breve da vida e obra da escritora Clarice Lispector e mostras de gravações de trechos de atuações dos próprios alunos. Essa apresentação deve obedecer à sequência da narrativa, bem como um critério da vida e obra da escritora. É preciso que seja criado um doc-filme que resuma a vida e a obra da escritora abordada, de forma prática, bem apresentável e compreensível.

Muitas ideias podem ser usadas para vocês apresentarem o doc, como apresentar em forma de jornal, documentário, vocês podem simular um programa de televisão com

abordagem literária, muitas ideias. É sempre bom deixar claro que para a criação do doc-filme, vocês estão livres para pensar no que for melhor e mais interessante. Nos canais digitais, como o Youtube e o Instagram há muitos vídeos e documentários de cunho literário, muitas pessoas trabalham as obras literárias, até mesmo a obra lispectoriana. Portanto, busquem informações que ajudem a deixar o doc-filme mais interessante. Saiba que, dessa maneira, você pode implantar um olhar diferenciado sobre a cena, usar sua imaginação ativamente, pois você e seus colegas aprenderão a tirar a imaginação e utilizá-la ao seu favor na cena, bem como potencializar sua atuação no tocante a dar vida aos personagens do conto.

Antes de gravar as cenas, vocês precisam decorar as falas e ensaiar. Embora seja possível regravação, é importante não perder tempo com isso, pois pode ser que não haja tempo para tantos ajustes no final. O grupo de gravação pode estabelecer datas para gravar as cenas.

6. A CULMINÂNCIA

Editado e salvo em *pen drive*, o doc-filme será apresentado na sala de mídia, por data show, a toda a turma e convidados. É possível também que seja apresentado a toda a escola, no pátio ou no auditório, por exemplo. Agende um dia com a coordenação e convide a comunidade escolar de acordo com sua preferência.

IMPORTANTE!

Professor (a), é interessante deixar a mídia do doc-filme disponível para outros professores e outros alunos da escola, pode ser na coordenação da escola, no site da Secretaria de Educação e até mesmo no acervo do PROFLETRAS. Ah, e não se esqueça, caso seja possível, de colocar no canto direito do vídeo uma tradução em libras. Fica legal e inclusivo!

7. DOS CRITÉRIOS AVALIATIVOS

A apresentação do Doc-filme pode ser no Laboratório de Tecnologia Educacional (LTE), no pátio, no auditório da unidade de ensino. O vídeo pode ser disponibilizado em DVD e Pen drive para que outros alunos possam acessá-lo.

A critério do professor, podem ser definidos outros modos de avaliar a produção, respeitando sempre fatores qualitativos sobre os quantitativos.

7.1. QUANTO AO CRITÉRIO AVALIATIVO

Vocês poderão ser avaliados principalmente sob a ótica de três critérios (porém, o professor pode estabelecer diversos outros):

A – Coerência entre a vida e a obra da autora e as cenas apresentadas no documentário e das cenas do filme com o conto;

B – Qualidade do doc-filme apresentado, quanto à abordagem e apresentação do documentário e dramatização ou interpretação das cenas;

C – Atendimento ao tempo mínimo estipulado pelo professor de 5 e máximo de 15 minutos (com tolerância de 2 minutos a mais).

Portanto, caprichem na criação!

8. PALAVRAS FINAIS

Este Caderno Pedagógico foi pensado para você, aluno do último ano do ensino fundamental maior, como forma de contribuir com seu conhecimento literário. Essa foi a maior premissa desde o primeiro momento da idealização deste material. Porém, ainda há muitas outras contribuições que serão possíveis desenvolver ao longo da atividade proposta. Na verdade, outras temáticas podem ser abordadas como resultados significativos deste trabalho. Criar um doc-filme nos nossos dias pode não ser mais uma novidade porque vemos muito nas redes sociais e plataformas digitais vídeos de diversas temáticas, mas nesse contexto o maior diferencial aqui é a literatura da escritora Clarice Lispector como base de criação midiática para um filme documentário. Acontece que criar um curta a partir da leitura de um conto pode ser interessante para o aluno e para a aula ao passo que ajuda a manter uma maior interligação entre leitor e obra literária, bem como vida e obra da autora escolhida.

Outra importante abordagem no desenvolvimento da sequência deste trabalho é a valorização do protagonismo de vocês alunos. Vocês são os donos da arte final: autores do doc-filme. São vocês que desenvolvem todo o trabalho de leitura, pesquisa, filmagem, gravação, edição e apresentação do doc. Tudo isso com a ajuda do (da) professor (a). Embora vocês não sejam obrigados a saber lidar com mídias digitais com tanta maestria, o talento dos

colegas da turma será valorizado para também ensinar aos outros colegas que não sabem trabalhar com sites e aplicativos de filmagem e edição. Por isso, cada talento deve ser visto e explorado com preferência para dar mais originalidade ao vídeo-documentário. Desse modo, os colegas que gostam de teatro, falar em público, mexer com tecnologias de edição, de literatura e de escrever são figuras imprescindíveis para participarem intensivamente da construção do doc.

Apesar da valorização do protagonismo do aluno, o (a) professor (a) é uma figura importante para orientar e dar suporte nas dificuldades pedagógicas e de criação do doc-filme que venham a ocorrer. Portanto, qualquer dúvida deve ser direcionada a ele. Tudo deve ser revisto por ele para que os resultados tenham coerência com o texto, biografia e obra da escritora Clarice Lispector. Portanto, não deixe de perguntar e esclarecer suas dúvidas com seu (sua) professor (a).

Ainda vale lembrar que o modo como está sendo sugerido este trabalho com a literatura lispectoriana pode ser flexível ou adaptado para outras abordagens com outros autores, com outros contos, gêneros, entre outras possibilidades do universo literário. Esta é apenas uma abordagem diante de diversas outras, apesar de sua ligação com a literatura de uma das maiores e das mais lidas escritoras da literatura brasileira, dona de uma vasta fortuna crítica. Desse modo, no tocante à literatura da escritora aqui tomada como base de criação não somente buscou-se explorar o enredo e o texto, mas também despertar no aluno uma consciência humanizada diante das relações sociais no cotidiano. Trata-se de apresentar a literatura de Clarice Lispector como humanizadora também.

Sendo uma autora dona de uma literatura voltada para a existência do ser e de uma abordagem introspectiva, Clarice Lispector constrói uma obra singular a partir dos impactos que causam os fatos cotidianos para a vida das personagens. Com isso, busca-se aqui também lançar ao aluno, a partir da leitura e desenvolvimento de todo o trabalho com o conto escolhido, a possibilidade de compreender a literatura lispectoriana como instrumento humanizador a partir do que é vivenciado pelas personagens. Desse modo, é possível compreender que diversas interpretações e contribuições podem ser extraídas da leitura do conto “Felicidade Clandestina” para se ter a literatura de forma humanizada. Com isso, o sofrimento para conseguir o livro pela protagonista/narradora e a vingança da garota filha do dono da livraria podem servir de espelho de vida para que cada discente perceba como uma simples atitude maldosa pode mexer tanto com o sentimento de uma pessoa. Outra abordagem é a de felicidade almejada pela protagonista: sempre clandestina.

Para terminar, vale esclarecer que, ao trabalhar com a literatura, o professor ajuda os alunos a desenvolverem sua cognição, sua atenção, sua capacidade lógica e de compreensão dos fatos cotidianos. De outro lado, a literatura não pode dispensar seu papel humanizador, além dos utilitários. É certo que os problemas sociais precisam ser abordados na escola, mas a formação integral dos alunos deve estar em primeiro plano para a valorização do ser e de seu crescimento humanístico diante das realidades de mundos interiores e exteriores. É isso.

REFERÊNCIA

- ALEXANDROFF, Marlene Coelho. **Ensino fundamental de nove anos: avanços e contradições**. Construção psicopedagógica. PONTO DE VISTA. Constr. psicopedag. v.17 n.15. São Paulo. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542009000200009>. Acesso em: 15 de dez. de 2019.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2020
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental**. Vol. 1. Ed. 1ª NC, 1998.
- CANDIDO, Antonio. **Brigada ligeira**. Rio de Janeiro, 3ª ed. Ouro sobre azul, 2004, p.88.
- CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português Linguagens – 9º ano**. 9ª edição reformulada. Saraiva. São Paulo. 2015.
- COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** (Trad. Laura Tadei Brandini). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. edição. Contexto. São Paulo. 2009.
- FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- GERALDI, João Wanderley. **A constituição do sujeito leitor**. In: módulo I: Fundamentos de Estudos de Linguagem. Campinas, SP: UNICAMP, VITAG, SEE, 1993.
- KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. Campinas: Papyrus, 2007.
- KLEIMAN, Angela Bustos. **Letramento na contemporaneidade**. Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil Bakhtiniana. Rev. Estud. Discurso vol. 9 n°2. São Paulo July/Dec. 2014; 9(2), 72-91. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732014000200006>. Acesso em 18 de dez. de 2019.
- LAJOLO, Marisa. **O texto não é pretexto**. Será que não é mesmo? In: ZILBERMAN, Regina. (Org.). Escola e Leitura: Velha Crise. Novas Alternativas. São Paulo: Global, 2009.
- PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ROJO, Roxane; ALMEIDA, Eduardo de Moura (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

LISPECTOR, Clarice. **Seleta**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 6. ed., São Paulo: Cortez, 2004. 103 p. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 47).